

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por MARCIO APARECIDO MARIGUELA, <sup>1338/</sup> e aprovada pela Comissão Julgadora em 08 de novembro de 1994.

Data: 08/nov. /1994.

Assinatura:

*J. Moreira*  
(Orientador)

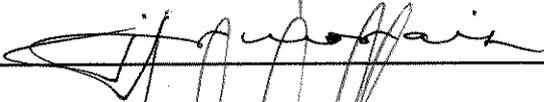
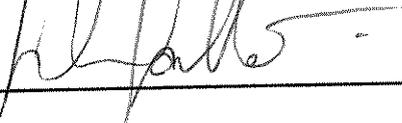


04/19/2004

Dissertação apresentada como exigência  
parcial para obtenção do Título de MESTRE  
EM EDUCACAO na Area de Concentração:  
Filosofia e História da Educação à  
Comissão Julgadora da Faculdade de  
Educação da Universidade Estadual de  
Campinas, sob a orientação do Prof. Dr.  
(João Francisco) Régis de [Morais.

Morais, Régis de, 1940 -

Comissão Julgadora:-

  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_

Para o Arthur,

o que a memória ama fica eterno.

"De repente perguntaríamos: onde estou, eu que sou? Em que espaço imaginário meus laços me prenderam? O que é este estranho caminho dos filósofos onde cada ponto é encruzilhada?...

Eis então tua mensagem de vida, ó pobre e vão sonhador? Teu destino de filósofo é o de encontrar tua clareza em tuas contradições íntimas? Estás condenado a definir teu ser pelas hesitações, pelas oscilações, pelas incertezas? Deves procurar teu guia e teu consolador dentre as sombras da noite?"

Gaston Bachelard

## Agradecimentos,

ao Prof.Dr. Regis de Moraes, pela orientação nos momentos de maior turbulência nesta trajetória;

ao Prof.Dr. Silvio Gallo, interlocutor das idéias principais que estruturam este texto e leitor dos primeiros rascunhos;

ao Prof. Dr. Hermas Arana, pelas preciosas sugestões feitas no exame de qualificação;

à Prof.Dra. Márcia Regina Brito, pelo acompanhamento inicial na pós-graduação no Depto. de Psicologia Educacional;

à presença esfingica do Mauro;

ao carinho e solidariedade de meus familiares;

à cumplicidade afetiva na afirmação da vida que sempre encontrei com o Marcos, Luis, Héctor, Eduardo, Shirley, Adriana, Sandra, Leila;

à Rosana e Kátia pela edição e auxílio no processo final desta dissertação;

à CAPES, pelo apóio financeiro através de bolsa de auxílio à pesquisa nos primeiros anos de academia.

## R E S U M O

A pesquisa em psicologia educacional tem se pautado em dois critérios metodológicos: quantitativo e qualitativo. O primeiro é identificado com o positivismo e o segundo procura justificar-se na fenomenologia. Procuramos escapar deste suposto conflito metodológico, introduzindo a discussão no campo dos fundamentos epistemológicos da psicologia. Definimos como objeto de estudo os projetos de fundamentação da psicologia que se apresentam como eixos norteadores da prática metodológica.

Estabelecendo uma identidade entre epistemologia genética e teoria do conhecimento, Jean Piaget apresenta a psicologia como fundamentos das ciências do homem. Amedeo Giorgi propõe que a psicologia deve se fundamentar na fenomenologia, como critério metodológico e assim definir seu espaço junto às ciências humanas. George Politzer, elabora uma crítica aos fundamentos da psicologia tendo como referência o método interpretativo inaugurado por Freud na construção do inconsciente. A interpretação não é para Politzer um método introspectivo, pois supõe um outro como referência para, através da transferência, realizar o processo de construção do sujeito do desejo.

## S U M A R I O

I	-	Introdução .....	09
II	-	O lugar do discurso: a epistemologia .....	17
		1. Epistemologia e história da psicologia.....	29
		2. Michel Foucault: o artesão do saber.....	41
III	-	A psicologia no reino encantado das ciências positivas	
		1. Auguste Comte: o guardião dos fenômenos.....	59
		2. Jean Piaget: o cavaleiro do conhecimento.....	67
		- O círculo das ciências.....	72
		- A psicologia como fundamento das ciências do homem.....	85
IV	-	As ciências humanas como endereço da psicologia	
		1. Crítica à abordagem naturalista .....	91
		2. Amedeo Giorgi: o arauto do método qualitativo.....	104
V	-	A crítica aos fundamentos da psicologia	
		1. George Politzer: o bufão do cientificismo.....	112
		2. A construção de um objeto: o drama.....	118
VI	-	Conclusão.....	131
VII	-	Bibliografia .....	138

"Nós filósofos não temos a liberdade de separar entre alma e corpo, como o povo separa, e menos ainda temos liberdade de separar entre alma e espírito. Não somos rãs pensantes, nem aparelhos de objetivação e máquinas registradoras com víceras congeladas -temos constantemente de parir nossos pensamentos de nossa dor e maternalmente transmitir-lhes tudo o que temos em nós de sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino, fatalidade."

Friedrich Nietzsche

## I - INTRODUCAO

Em 1879, na Universidade de Leipzig na Alemanha, Wilhelm Wundt (1832-1920) criou o primeiro laboratório para realizar estudos psicológicos. Os recém formados da Inglaterra, da França e da América do Norte desembarcaram em Leipzig para aprender a fazer pesquisas psicológicas. Wundt ensinava seus alunos a mensurar as experiências mentais através das sensações, percepções, sentimentos, emoções. Seu objetivo era descrever o funcionamento das atividades conscientes através do método introspectivo onde os processos mentais eram observados através de um modelo fisiológico. A experiência imediata das atividades mentais deveriam ser analisadas segundo modelos de funcionamento das atividades neurofisiológicas, isto é, a "experiência deveria ser analisada em seus elementos; os elementos deveriam, por sua vez, serem examinados com a natureza de suas conexões uns com os outros; e finalmente, as leis destas conexões deveriam ser determinadas" (Keller, 1974:21). Nascia assim a psicologia científica, com a definição de um objeto -o funcionamento mental-, de um método que incorporava um conjunto de técnicas e critérios estabelecidos pelas ciências naturais.

A psicologia tornou-se com Wundt uma ciência. Sua

obra *Psicologia Fisiológica*, publicada em 1874, recebeu seis edições revistas e aumentadas e de um passou para três volumes, sendo traduzida em vários idiomas. Wundt fez escola e acabou por receber o título de fundador da ciência psicológica. Keller (1974:23) afirmou que a psicologia do século XIX foi produzida por uma união da filosofia com a fisiologia e Wundt foi o responsável por esta junção do conteúdo filosófico sobre o psiquismo, as recentes descobertas da fisiologia, tais como os estudos sobre a visão, audição e outros sentidos, desenvolvidos por Fechner, Weber, Helmholtz dentre outros. A psicologia nasceu portanto deste cruzamento da filosofia com a fisiologia, mas por atender aos critérios metodológicos das ciências, foi afastando-se de sua raiz filosófica para buscar sustentação no solo estabelecido pelas ciências naturais, especificamente, na área da fisiologia.

O tema da cientificidade da psicologia remete-nos ao contexto histórico do final do século XIX. Os pintores impressionistas por exemplo, revolucionaram com suas cores primárias e vibrantes, reproduzindo nas telas a luz em suas variações e formas. A célebre exposição de Nadar em 1874, onde Claude Monet expôs sua tela *Impressão: nascer do sol*, marcou uma geração de pintores que procuraram imprimir nas telas, as marcas da subjetividade. Nietzsche por sua vez, em 1878, publica seu *Humano, demasiado humano*, um livro para espíritos livres, onde denuncia a falta de sentido histórico como defeito hereditário dos pensadores de seu tempo e na primavera de 1886, escrevendo um novo prefácio para seu livro pergunta: "Mas onde há hoje

psicólogos? Na França, com certeza; talvez na Rússia; seguramente não na Alemanha". Neste mesmo período, em 1874, Freud assistia as aulas de filosofia ministradas por Franz Brentano sobre *De Anima* de Aristóteles (Gay,1989:44).

O percurso da psicologia como ciência humana ou ciência natural deve ser relacionado com o solo epistêmico do século XIX, onde os critérios metodológicos das ciências da natureza foram assumidos como eixo para a pesquisa sobre os fenômenos psíquicos. Definir as características destes fenômenos e as formas de apreensão de suas leis tornou-se uma exigência para a constituição de um saber sobre os humanos.

O conjunto dos argumentos que estruturam esta dissertação deve-se por um lado à nossa trajetória no curso de pós-graduação na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, e por outro ao nosso trabalho docente no curso de formação de psicólogos na Universidade Metodista de Piracicaba, ministrando a disciplina Metodologia da Ciência.

A definição do tema aqui analisado deve-se em grande parte aos escritos de Hilton Japiassu, um dos expositores do pensamento epistemológico no Brasil. Seus escritos sobre os problemas epistemológicos da psicologia levaram-nos à demarcação do tema dos fundamentos da psicologia nos autores aqui analisados. Sua posição sobre a psicologia pode ser identificada nos seguintes termos: é uma disciplina humana com pretensões científicas. Procurando demarcar o estatuto de cientificidade da psicologia, o autor estabeleceu historicamente o processo de constituição das ciências humanas e assim identificou a

emergência da psicologia científica. Tomando a psicologia experimental como paradigma da teoria behaviorista, Japiassu explicita seus fundamentos e critérios metodológicos. O positivismo é apresentado como matriz epistêmica das teorias comportamentais. A crítica aos pressupostos do behaviorismo é analisada através da matriz fenomenológica e psicanalítica, concluindo pela necessidade de uma filosofia da psicologia, denominada de epistemologia.

Nosso propósito não é analisar o desenvolvimento do behaviorismo, como o fez Japiassu (1982b), mas situar-nos na discussão epistemológica, tomando autores que apresentaram projetos de psicologia como alternativas ao modelo behaviorista, predominante na psicologia americana.<sup>1</sup> Não pretendemos entrar pela via da crítica à vertente positivista da teoria comportamental, porque, aceitamos os argumentos de Japiassu (1983) nesta questão e acreditamos que tal vereda já foi suficientemente aplainada.

Diferente do que fez Japiassu, nosso objetivo é introduzir no campo epistemológico os projetos de fundamentação da psicologia que procuraram se opor à psicologia experimental, dominante nos cursos de formação profissional, seja quanto aos seus pressupostos teóricos ou suas implicações metodológicas. A maior parte dos autores que fazem a crítica do positivismo como pressuposto das teorias behavioristas, identificam-se com a

-----  
1.No Brasil, a grade curricular dos cursos de formação de psicólogos apresenta uma grande quantidade de aulas de Psicologia Experimental, o que historicamente, se justifica pela implantação oficial destes cursos com uma marca profunda da psicologia comportamental norte-americana.

fenomenologia existencial ou com o psicologia genética de Jean Piaget.<sup>1</sup>

A pesquisa em psicologia educacional tem se pautado nos últimos anos por dois princípios metodológicos: qualitativo e quantitativo. Professores que ensinam a fazer pesquisa aos alunos de pós-graduação tendem a negligenciar os aspectos políticos que fundamentam tais critérios, e a reflexão de caráter epistemológico fica à deriva das discussões metodológicas. O conflito metodológico entre aqueles que fazem pesquisa quantitativa e os que fazem pesquisa qualitativa é apresentado na esfera do marketing da atividade científica. Os primeiros justificam suas atividades através dos cânones do método positivo, enquanto os segundos procuram abrigo no método fenomenológico.

Procuramos escapar deste suposto conflito metodológico adentrando-nos no campo da fundamentação da psicologia em seus critérios de cientificidade. Para tanto, definimos como objeto de análise, três projetos de fundamentação da psicologia: o de Jean Piaget com sua teoria do sujeito epistêmico ; o de Amedeo Giorgi com suas regras metodológicas qualitativas; e o de George Politzer com a crítica aos fundamentos da psicologia através da noção de objeto.

-----

1.As pesquisas em torno da psicologia social, fundada no materialismo-histórico-dialético não será apresentada nesta dissertação. Sabemos que há um movimento significativo nos cursos de formação em torno de autores que fundamentam uma abordagem social da psicologia comunitária: Lúria, Leontiev, Vigotsky e mais recentemente Agnes Heller, com suas teorias de uma cidadania construída.

Nosso objetivo é analisar o projeto que Piaget elaborou para a psicologia, apresentando-a como fundamento das ciências em geral e das ciências humanas em particular. Partindo de suas pesquisas genéticas, Piaget estabeleceu uma identidade entre epistemologia e teoria do conhecimento, construindo uma psicologia genética como eixo epistemológico para as ciências. Procuramos identificar o papel atribuído à psicologia através de uma caracterização feita por Piaget do sujeito epistêmico.

Partimos de uma abordagem do sistema positivo de Comte no qual classificou as ciências segundo a definição de fenômenos, para mostrar a impossibilidade da psicologia constituir-se como ciência. Para Comte a psicologia não poderia ser considerada uma ciência positiva, pois a inexistência de fenômenos psíquicos impossibilita a construção de um conhecimento verdadeiro.

A proposta metodológica de Amedeo Giorgi, insere-se em nossas investigações sobre os critérios de cientificidade da psicologia, pela sua relevância para as pesquisas em psicologia educacional nos últimos anos. Seus argumentos definem num quadro de formatação histórica da psicologia a partir de duas abordagens: científico-natural e científico-humana. Cada abordagem se fundamenta em determinado objeto e tendo como critério de verdade o método de pesquisa. A abordagem científico-natural parte do método experimental das ciências naturais e a abordagem científico-humana precisa construir um método que lhe dê sustentação. Tal é a tarefa proposta por Giorgi: construir um método para a psicologia tornar-se uma ciência humana, tendo como base a fenomenologia de Husserl e

Merleau-Ponty.

Quanto a Politzer, sua proposta é construir uma psicologia concreta elaborando uma crítica dos fundamentos da psicologia, a partir da descoberta original de Freud: o inconsciente. Seu percurso consiste na explicitação do referencial metodológico utilizado por Freud, para demonstrar a relevância do método psicanalítico na construção da teoria do inconsciente. A interpretação não é para Politzer um método introspectivo, pois supõe de um outro como referência para, através da transferência realizar o processo de construção do sujeito do desejo.

Chegamos a Politzer pela crítica radical que realizou aos fundamentos da psicologia e por sua proposta que marcou diferentes autores franceses nas décadas de 40 e 50. Limitamo-nos a apresentar os argumentos da crítica de Politzer à psicologia e algumas indicações sobre as bases de uma psicologia concreta.

Nossa conclusão procura apontar para a necessidade de colocar em questão os fundamentos epistemológicos da psicologia através da teoria do inconsciente elaborada por Freud. A psicanálise, enquanto método interpretativo do inconsciente, estabeleceu uma ruptura nos modelos científicos assumidos pela psicologia desde Wundt. Esta ruptura é apontada na conclusão do trabalho, e pretendemos dar continuidade às reflexões aqui esboçadas num estudo mais aprofundado sobre leitura que Politzer apresenta da teoria do inconsciente e do método psicanalítico como crítica à psicologia científica.

A metáfora do castelo encantado que utilizamos para nomear o processo histórico de fundamentação da psicologia deve-se às tentativas de fixar um lugar seguro de onde os discursos sobre os fenômenos psíquicos pudessem ser enunciados, segundo o rigor científico exigido pelas ciências da natureza. Acreditamos que reunidos no castelo da ciência, os psicólogos sentem-se seguros para falar sobre o psiquismo humano estalecendo analogias com o comportamento animal. Tais analogias são úteis às ciências naturais, mas são incongruentes para nomear a dimensão psíquica dos humanos. Convertido em objeto de um saber estéril a psicologia tem sido incapaz de enunciar a situação dramática da existência humana. Oscilando entre os argumentos fisiológicos e as técnicas de controle e mensuração do comportamento, fixam regras e padrões para normatizar racionalmente seu objeto.

Os psicólogos devem explicitar a vertente filosófica que fundamenta seus discursos; delimitar a idéia de homem que justifica seus critérios metodológicos; e seus compromissos políticos como aplicadores de técnicas de controle do comportamento. Para tornar-se uma ciência a psicologia precisou afastar-se da única possibilidade de seu discurso sobre o humano, demasiado humano. Como teoria do indivíduo a psicologia afastou-se do sujeito humano em suas contradições históricas. Guiados por uma teleologia da produção social eficiente, os psicólogos negligenciaram o saber sobre o homem, convertendo-se em funcionários do sistema de produção adaptativa. A psicologia precisa sair do castelo em que se meteu e voltar a ouvir os sons das florestas, pois é lá que o homem habita.

## II - O LUGAR DO DISCURSO: A EPISTEMOLOGIA

Determinar o lugar de enunciação do discurso é condição necessária para estabelecer o plano geral desta dissertação. Nosso objetivo é demarcar um território neste vasto campo filosófico para nela abordar a psicologia como uma ciência historicamente construída.

Desde o século XVII a ciência tornou-se progressivamente critério de verdade. Adjetivado de científico, o conhecimento é definido segundo estatuto metodológico que fixa as fronteiras na produção moderna da verdade. A Revolução Científica Moderna determinou um novo modo de pensar, onde a experimentação é utilizada como via de acesso à elaboração do conhecimento verdadeiro.

Na modernidade a ciência é o lugar por excelência do conhecimento. A física no século XVII, a química no século XVIII e a biologia no século XIX tornaram-se paradigmas do conhecimento cientificamente elaborado com seus objetos específicos demarcados por um método de experimentação que institui os critérios de verificação racionais através de instrumentos de medida. Segue-se portanto que conhecer é quantificar: estabelecer relações entre variáveis passíveis de

mensuração.

No final do século XVIII, Kant no célebre prefácio à Segunda Edição da *Crítica da Razão Pura* apresenta uma síntese da ciência moderna afirmando que Galileu, Torricelli e Stakl

"compreenderam que a razão só discerne o que ela mesma produz segundo seu projeto, que ela tem de ir à frente com princípios dos seus juízos segundo leis constantes e obrigar a natureza a responder as suas perguntas" (Kant, 1987:13).

A razão científica é metódica, pois obedece a uma lógica construída segundo categorias matemáticas. A Ciência da Natureza está fundada sobre princípios empíricos, isto é, o conhecimento da natureza deve seguir um caminho seguro, onde a razão possa guiar-se em direção à verdade.

Para caminhar em direção à verdade, a "razão tem de ir à natureza tendo numa das mãos os princípios unicamente segundo os quais fenômenos concordantes entre si podem valer como leis, e na outra o experimento que ela imaginou segundo aqueles princípios" (Kant, 1987:13). A razão moderna deve ser instruída pela natureza e não mais pela fé, como fora no período medieval. Deve portar-se segundo Kant, como um juiz que obriga as testemunhas a responder as perguntas que lhe propõe e não como um aluno que se deixa guiar pelas idéias do professor. Desta forma, a razão deve procurar na natureza aquilo que ela mesma lá colocou.

O conhecimento na modernidade é elaborado segundo a atividade de uma razão instrumental, que opera segundo um projeto metodológico. A ciência construiu para si um caminho

próprio, onde a razão deve seguir um percurso lógico fundado na experiência. Isto equivale a dizer que a atividade racional deve voltar-se sobre os fenômenos naturais com o objetivo de conhecer as leis que os regem.

O conhecimento cientificamente elaborado tornou-se critério de verdade e a atividade filosófica ficou reduzida a uma síntese da ciência. Fazer filosofia é construir uma análise do discurso da ciência, demarcando seus pressupostos lógicos e metodológicos. Nesta concepção insere-se Comte e os neopositivistas do Círculo de Viena como veremos mais adiante.

A razão moderna é científica e coube à filosofia encontrar, neste processo de estruturação da ciência, seu lugar. Se no período medieval a filosofia estava a serviço da teologia, na modernidade ela é convocada a prestar serviços aos cientistas na condição de análise lógica dos enunciados e predicativos do conhecimento científico.

A atividade filosófica tomou como objeto de análise o conhecimento cientificamente elaborado. O diálogo com as ciências se estrutura na busca de fundamentos, de pressupostos sobre os quais o conhecimento é produzido, quais seus limites e validades, seus critérios e dimensões éticas. Neste diálogo foi se constituindo um campo específico do labor filosófico: a epistemologia.

Diferentes autores procuraram mapear esse campo através de uma definição dos problemas específicos da epistemologia, para demarcar a área própria desta atividade filosófica.

Uma forma de tratamento diferente para as relações

entre filosofia e ciência foi inaugurada por Gaston Bachelar. No final da década de 40, Bachelar apontava para uma servidão filosófica à atividade científica e demonstrou os perigos de uma redução do conhecimento à ciência. Cientista por formação, filósofo por paixão, Bachelar elaborou uma epistemologia das ciências, especificamente da física e da química, com a intenção de marcar a história das ciências por uma análise de seus pressupostos, seus fundamentos, denominado de "corte epistemológico" na história do conhecimento científico.

Qual é a tarefa de uma filosofia das ciências para Bachelar? Ela deverá ser

"uma fenomenologia do homem estudioso, do homem tenso em seu estudo e não apenas um vago balanço de idéias gerais e de resultados adquiridos. Ela terá que nos fazer assistir ao drama quotidiano do estudo quotidiano; descrever a rivalidade e a cooperação do esforço teórico e da pesquisa experimental. Terá que nos situar no centro desse perpétuo conflito de métodos que é o aspecto manifesto, o aspecto acentuado da cultura científica contemporânea" (Bachelar, 1977:20).

E à atividade científica que a filosofia deve-se voltar, não para ser a síntese integradora de um saber fragmentado pela especialização, mas para delimitar os pressupostos da mesma. O cientista deve por uma exigência filosófica explicitar seus fundamentos, sua visão de mundo, de sociedade, de homem. "Aos cientistas, reclamaremos o direito de desviar por um momento a ciência de seu trabalho positivo, de sua vontade de objetividade para descobrir o que resta de subjetivo nos métodos mais severos" (Bachelar, 1977:25).

A epistemologia histórica de Bachelar, leva-nos à

investigar as ciências pelas suas margens e não pelo seu núcleo metodológico, ou seja, são os postulados valorativos que foram excluídos a priori em nome da objetividade do conhecimento que devem receber atenção por parte dos filósofos. Isto porque como já advertia Nietzsche, na ciência as convicções não têm nenhum direito de cidadania e que a disciplina do espírito científico começa quando as convicções são negadas, excluídas;

"só nós resta perguntar se, para essa disciplina poder começar, já não tem de haver uma convicção, e aliás tão imperiosa e incondicional, que sacrifica a si mesma todas as outras convicções? Vê-se que também a ciência repousa sobre uma crença, não há ciência sem pressupostos" (Nietzsche, 1987:168).

Na esteira do projeto de uma epistemologia histórica, fundado por Bachelard encontramos seu sucessor na Sorbonne: Georges Canguilhem. Formado em ciências médicas, tomou como objeto de reflexão filosófica os conceitos de normal e patológico estruturados historicamente pela biologia no século XIX. Buscando demarcar as relações entre história das ciências e epistemologia, afirmou que

"face à história das ciências, disciplina que por sua vez também tem uma história, a epistemologia encontra-se, à primeira vista, numa situação falsa. Numa perspectiva cronológica, a história das ciências nada deve a essa espécie de disciplina filosófica que depois de 1854, segundo me parece, se chama epistemologia" (Canguilhem, 1977:11).

Analisando o papel da epistemologia na historiografia científica contemporânea, Canguilhem discute as relações entre o conhecimento produzido pelos cientistas e a crítica filosófica aos pressupostos deste conhecimento para afirmar a ciência como processo, como devir. Procurou elaborar

uma epistemologia a partir de uma análise da descontinuidade do conhecimento rompendo assim com o ideal progressivo do saber, entendido segundo os positivistas, como cumulativo.

As relações entre os historiadores das ciências e os epistemólogos não são tão claras. Diferentes autores procuraram traçar as fronteiras entre estas atividades. Deve-se ser cientista para fazer a crítica das teorias e processos metodológicos de uma determinada ciência, ou o filósofo, teórico do conhecimento por excelência, pode elaborar uma crítica do conhecimento produzido pelos cientistas? A reflexão epistemológica é construída a partir do conhecimento científico e compete ao filósofo realizá-la ou a epistemologia é uma disciplina autônoma no reino da ciência?

A historicidade da ciência é uma tarefa própria da epistemologia entendida como uma atividade de caráter filosófico, isto porque sua finalidade é criticar a negligência dos cientistas quanto à explicitação de seus pressupostos. Neste contexto,

---

1. Thomas Kuhn, por exemplo, teve que entrar nesta discussão para justificar seus argumentos e explicitar sua passagem da física para a filosofia, dizendo que a filosofia da ciência era no início de sua carreira acadêmica, uma atividade recreativa e conclui dizendo que "este ensaio é uma tentativa de explicar a mim mesmo e a meus amigos como me aconteceu ter sido lançado da ciência para a sua história". Ao entrar no campo da história da ciência, Kuhn afirma ter que defrontar-se com problemas filosóficos, alinhando-se à epistemologia. in: **A Estrutura das Revoluções Científicas**, p.10.

"a historicidade é essencial ao objeto da ciência sobre o qual é estabelecida uma reflexão que podemos chamar de filosofia das ciências ou epistemologia. E a história das ciências, não sendo ela própria uma ciência, e não possuindo, por isso mesmo, um objeto científico, constitui mais um dos modos de existir da epistemologia, e de seu modo de operar" (Japiassú, 1985:17).

Fundamentando-se em Bachelard e Canguilhem, Japiassú procura demonstrar a diferença entre o historiador das ciências e o epistemólogo: o primeiro toma as idéias como fatos, enquanto o segundo toma os fatos como idéias, inserindo-os num contexto de pensamento. Assim, "da história das ciências filosoficamente questionada, surge uma filosofia das ciências que outra coisa não é senão uma das modalidades da epistemologia geral, e que constitui uma das vias de acesso à epistemologia, próxima às que passam pela psicologia, pela sociologia e pela metodologia dos conhecimentos" (1985:23).

Para Blanché (1976:9), o conceito epistemologia surgiu nos dicionários franceses em 1906, significando uma teoria da ciência. O autor afirma que a epistemologia não poderia se dar historicamente antes do aparecimento da ciência. Sendo a ciência um produto do século XVII, a epistemologia constituir-se-ia, então, um discurso sobre a ciência em sua emergência histórica. Fazer epistemologia é elaborar uma história das ciências, posto que uma teoria das ciências só é epistemológica, porque a epistemologia é histórica.

Os primeiros historiadores da ciência surgiram no período do iluminismo, mas foi somente na primeira metade do século XIX, que o conhecimento científico foi teorizado, construindo-se assim uma filosofia da ciência, chamada

posteriormente de epistemologia. Blanché apresenta Augusto Comte, com seu *Curso de Filosofia Positiva* e John Herschel, com seu *Discurso Preliminar ao Estudo de Filosofia Natural*, ambos publicados em 1830, como os precursores do movimento epistemológico.

A filosofia surge para Comte, como síntese e generalização dos resultados dos conhecimentos produzidos pela atividade científica. A filosofia subordina-se à evolução da ciência, de tal modo que toda mudança no conteúdo do saber científico repercute e traz mudança correspondente ao saber filosófico. A filosofia positiva de Comte estabeleceu as bases para uma filosofia da ciência com o objetivo de estruturar uma classificação histórica do conhecimento científico, segundo definição dos fenômenos observáveis e elaborando assim, um inventário da ciência procurando validar a ciência através dela mesma, por meio de um ideal progressivo do saber.

Estes pressupostos do positivismo comtiano, estão presentes nos trabalhos dos pensadores do Círculo de Viena que visavam elaborar uma filosofia da ciência a partir de seus pressupostos lógicos e metodológicos. O neopositivismo vienense adquiriu notoriedade na filosofia contemporânea por construir uma epistemologia tomando-a como sinônimo de teoria do conhecimento científico. A ciência esgota a possibilidade do conhecimento, restando à filosofia uma análise da ciência pela sua linguagem lógica. Carnap, por exemplo, "não reconhece como válida a teoria do conhecimento senão na medida em que ela se reduz à epistemologia, ou mesmo, mais precisamente, à análise lógica da

ciência" (Blanché, 1976:18). A ciência se distingue de outras formas de saber pela sua linguagem, fundada em critérios metodológicos historicamente constituídos. A linguagem científica é dotada de um sistema lógico que a qualifica como critério de verdade.

As críticas endereçadas ao positivismo procuram denunciar a redução realizada por Comte e seus seguidores entre teoria da ciência e teoria do conhecimento, entre metodologia e epistemologia. Blanché analisa essa redução apontando para as distinções entre teoria da ciência e teoria do conhecimento, eixo da filosofia moderna, de Descartes a Kant. A epistemologia, como teoria da ciência, parte da ciência como produto da modernidade e constitui um processo de teorização sobre seus fundamentos. Seu campo discursivo se instaura por

"um estudo que vem depois da ciência e que diz respeito a ela, tomando-a por sua vez como objeto e interrogando-se a um nível superior sobre os seus princípios, os seus fundamentos, as suas estruturas, as suas condições de validade" (Blanché, 1976:13).

A crítica ao reducionismo positivista no tocante às discussões epistemológicas acima pode ser identificada na epistemologia histórica de Bachelard, na fenomenologia de Husserl e nos teóricos da Escola de Frankfurt, por exemplo, em seus embates filosóficos com os teóricos do Círculo de Viena.

Habermas, inserindo-se no debate sobre os pressupostos do conhecimento científico, elaborou uma análise da conexão entre conhecimento e interesse com a finalidade de apoiar a tese de que a crítica do conhecimento só é possível como teoria da sociedade. Endereçando sua crítica aos neopositivistas

vienenses, denunciando os pressupostos de neutralidade que sustentam as pesquisas científicas e o seu reducionismo metodológico. Habermas demonstrou que a "substituição da teoria do conhecimento pela teoria da ciência evidencia-se no fato de que o sujeito cognoscente não mais se apresenta como sistema de referência". Em seu lugar, o positivismo apresenta o método como um instrumento com o qual se produz o conhecimento, independente do sujeito. Assim, o positivismo, para Habermas, assinala o fim da teoria do conhecimento e em seu lugar instala-se uma teoria das ciências, que desiste de fazer a pergunta sobre o sujeito que conhece, "voltando-se diretamente às ciências disponíveis como sistema de proposições e modos de proceder, como um complexo de regras com base nas quais as teorias são construídas e controladas" (1987:90).

A deposição do sujeito cognoscente realizada pelo positivismo realiza-se por uma autonomia do método. O método de construção do conhecimento adquiriu notoriedade frente ao sujeito que conhece. A operacionalização do arsenal metodológico se justifica na neutralidade e objetividade como critérios do labor científico.

Para opor-se a esta vertente positivista denominada de filosofia da ciência, Monzani apresenta três características da reflexão epistemológica que servirá para elucidar a trajetória percorrida nesta dissertação:

"Em primeiro lugar, parte da idéia de que cada domínio científico tem seu contorno e sua especificidade própria e que é inútil tentar instaurar um ideal unitário de ciência. Em segundo lugar, procura, no interior de cada discurso, conferir-lhe o estatuto de um texto e tratá-lo como uma rede ou um tecido de significações que vale a pena comentar e explicitar. Em terceiro lugar, a partir dessa análise interna, procurará examinar e estabelecer o conjunto de critérios próprios e específicos de validação da disciplina em questão e qual o critério e a idéia de verdade que daí brotam" (1991:131).

O domínio da epistemologia procura romper com o reducionismo apontado acima e instaurar uma prática reflexiva que aborda o saber em sua discursividade, ou seja, elabora uma análise interna do discurso, procurando explicitar seus fundamentos e regime de validação. A ciência é compreendida como um discurso alicerçado num conjunto de regras - técnicas e metodológicas - que delimitam seu campo de estruturação.

O campo epistemológico é compreendido como uma atividade filosófica que assume como tarefa analisar o estatuto do discurso científico, explicitando seus fundamentos. A epistemologia encontraria na filosofia seus princípios e na ciência seu objeto. Japiassú (1988:23-24) apresenta três funções básicas atribuídas à epistemologia: situar o lugar do conhecimento científico dentro do domínio do saber; estabelecer os limites do conhecimento científico; e interrogar sobre as possibilidades deste conhecimento.

Nossa discussão da psicologia localiza-se neste campo epistemológico onde a mesma será abordada a partir de uma crítica aos seus pressupostos teóricos, demarcando os critérios de cientificidade que possibilitaram sua constituição como

ciência no final do século XIX. De um lado, os defensores da psicologia como ciência natural, e do outro, os críticos desta concepção e defensores da psicologia entendida como ciência humana.

## 1. EPISTEMOLOGIA E HISTORIA DA PSICOLOGIA

Wilhelm Wundt é considerado <sup>1</sup> um dos fundadores da psicologia científica; sua formação em medicina e fisiologia revela suas contribuições para edificar a psicologia como uma ciência, nos moldes da física experimental. De 1856 a 1862, Wundt apresentou um ciclo de conferências sobre "A Psicologia do ponto de vista das ciências naturais" e no ano seguinte mudou o título de suas aulas para "Psicologia Fisiológica". Sua obra **Elementos de Psicologia Fisiológica**, publicada em 1874 foi responsável por estabelecer o critério fisiológico para a observação do conteúdo da mente através de uma mensuração da percepção e sensações. Fundamentando-se no modelo fisicalista, Wundt defendia um paralelismo psicofísico que concebia o fundamento sensorial da consciência em processos físicos determinados e afirmava que o estudo do funcionamento do cérebro constitui-se a base de toda psicologia científica.

Buscando construir bases sólidas para a

-----

1.As referências históricas das contribuições de Wundt à psicologia experimental foram explicitadas por Amedeo Giorgi ao analisar os fundadores da psicologia como ciência natural no final do século XIX. Giorgi parte do célebre trabalho histórico realizado por BORING, E.G., A History of Experimental Psychology, de 1950.

psicologia, Wundt deparou-se com as advertências comtianas, quanto à inexistência de fenômenos psíquicos e apresentou uma solução de caráter lógico:

"A questão está em se descobrir uma disciplina suficientemente autônoma suscetível de utilizar os mesmos procedimentos (metodologia) das ciências naturais e que seja, ao mesmo tempo, próxima das ciências do espírito (humanas). Wundt pensa ter encontrado essa disciplina na psicologia. A psicologia pode e deve desempenhar, para as ciências do espírito, o mesmo papel de fundamento que a mecânica havia desempenhado para as ciências naturais" (Japiassú, 1982:121).

Wundt apresenta a psicologia como desempenhando um duplo papel: por um lado, possui o privilégio de elaborar experiências laboratórias e assim construir leis quantitativas; por outro considera a realidade psíquica em sua totalidade concreta, pois seu objeto é ao mesmo tempo pensante e pensado. Por isso a psicologia será defendida por Wundt como mediadora entre as ciências naturais e as ciências humanas.

A tentativa de apresentar a psicologia como fundamento das ciências do espírito ou ciências humanas não é um mérito de Piaget como veremos. Wundt estabeleceu para seus alunos o mesmo objetivo. Ao alicerçar sua psicologia na fisiologia da época, possibilitou a definição de um objeto de estudo para a psicologia, e mais, partilhou do ideal de vários fisiólogos de seu tempo: elaborar um discurso sobre o psiquismo (entendido como atividade mental consciente) que tenha a mesma validade que os discursos sobre os fenômenos naturais.

A psicologia recebeu seu registro histórico como ciência, a partir de uma adequação metodológica aos critérios de cientificidade definidos pelas ciências naturais. Por isso, Wundt

e reconhecido pelos historiadores da psicologia como fundador da psicologia científica.

Os historiadores da psicologia partem do advento metodológico experimental para narrar a demarcação do objeto de estudos psicológicos. A ruptura com o método introspectivo, considerado como a pré-história da psicologia científica é apresentada como momento inaugural para o registro da psicologia como ciência.

Nosso objetivo é percorrer um caminho que possa manter-nos inseridos no campo epistemológico e assim discutir os critérios metodológicos que determinaram a construção do objeto de estudo dos psicólogos. Cremos que estaremos realizando assim, uma análise dos fundamentos da psicologia em sua peregrinação em busca do castelo encantado da ciência.

O caminho que nos levará ao objetivo definido acima, foi traçado por Gaston Bachelar - fundador da revista *Cahiers* por *l'analyse*, principal veículo das idéias da epistemologia histórica francesa - , seguido por Georges Canguilhem e ampliado por Michel Foucault. Todos tendo como preocupação central, realizar uma história das ciências à partir de seus pressupostos teóricos. A filosofia é entendida para estes pensadores franceses, como uma reflexão eminentemente epistemológica. Considerada do ponto de vista conceitual, a história das ciências é elaborada na perspectiva de uma história da filosofia, posto que todo conhecimento científico se estruturou num solo filosófico que lhe serviu de base epistêmica.

Machado demonstrou que a epistemologia histórica

de Bachelard se prolonga e se desloca em Canguilhem e Foucault, afirmando que "a filosofia de Canguilhem, como a de Bachelard, pode ser caracterizada tanto como uma epistemologia histórica quanto como uma história epistemológica" (1988:18). As relações entre a história de uma ciência e a reflexão epistemológica da mesma, encontra-se -entre os autores citados- numa perspectiva filosófica em que fazer epistemologia é historicizar o processo de construção e rupturas do conhecimento científico.

As principais teses da epistemologia de Canguilhem é apresentada por Machado nos seguintes termos:

"A ciência não é um objeto natural, um objeto dado; é produção cultural, um objeto construído, produzido... é essencialmente discurso, um conjunto de proposições articuladas sistematicamente... é um tipo de discurso que tem a pretensão de verdade" (Machado, 1988:20).

Sendo a ciência um discurso que se estrutura como verdadeiro, fazer epistemologia é traçar uma história dos modos de produção da verdade segundo os códigos normativos dos discursos que aspiram ao estatuto de cientificidade. E nesse sentido, que a psicologia deve ser compreendida como ciência: definindo seu objeto de estudo, a psicologia fixa seu discurso como verdadeiro.

Pretendemos partir da análise feita por Canguilhem<sup>1</sup> sobre a psicologia para demarcá-la historicamente. Seus argumentos são apresentados num breve ensaio publicado em 1966,

---

1.Os argumentos de Canguilhem sobre a psicologia estão presentes em várias obras de Foucault e tudo indica que ele os utilizava em suas aulas de psicologia em Clermont-Ferrand. Vale lembrar que Canguilhem foi seu orientador na defesa de doutorado onde apresentou em 1961 sua célebre *Folie et déraison, Histoire de la Folie à l'âge classique*; in: Eribon, 1990:111-123.

e tornou-se um documento histórico de referência obrigatória para qualquer discussão epistemológica da psicologia.

Neste ensaio, Canguilhem apresenta uma história da psicologia dentro de sua concepção de epistemologia: fazer epistemologia é elucidar o problema do conhecimento científico, delimitando o que caracteriza a operação científica através da investigação da produção de conhecimentos de determinada ciência; é refletir filosoficamente sobre as ciências, privilegiando a questão da formação de seus conceitos.

A reflexão epistemológica deve começar, para Canguilhem, com uma pergunta dirigida àqueles que produzem o conhecimento científico. O filósofo deve perguntar ao psicólogo: "Diga-me para onde você se dirige para que eu saiba quem você é". Os psicólogos devem ser capazes de dar conta de sua direção, de suas práticas explicitando seus fundamentos.

Para Canguilhem, o problema epistemológico central da psicologia é sua incapacidade de justificar seus fundamentos. Por isso, "muitos dos trabalhos de psicologia dão a impressão de que misturam a uma filosofia sem rigor, uma ética sem exigências e uma medicina sem controle. Filosofia sem rigor, porque eclética sob pretexto de ser objetiva, ética sem exigência porque associa diversas experiências morais sem criticá-las... e medicina sem controle porque das três doenças menos inteligíveis e curáveis, doenças da pele, dos nervos e mentais, foram sempre as duas últimas que forneceram observações e hipóteses à psicologia" <sup>1</sup> .

---

1. Para as citações que serão referendadas pelo número da página, servimo-nos da tradução feita pelo Prof. Dr. Osmyr Gabbi Jr., do IFCH-UNICAMP, mimeo, 1988, p.1.

A discussão sobre os fundamentos da psicologia passa necessariamente por uma caracterização histórica de suas teorias e por uma crítica à demarcação de seu objeto. Citando as tentativas de Daniel Lagache de definir em 1947 a psicologia como uma teoria geral da conduta, Canguilhem discute as propostas de sintetizar os diferentes campos de trabalho dos psicólogos - experimental, clínico, educacional - com as descobertas da etnologia e chega à conclusão de que a pergunta sobre os fundamentos da psicologia não é colocada pelos psicólogos, que tendem a sobrepor o fazer ao saber. Regidos pelo pragmatismo na solução de problemas, os psicólogos aceitam como um dado os critérios metodológicos das ciências naturais e não discutem os fundamentos teóricos destes critérios.

As tentativas de unificar a psicologia redundam sempre em fracassos, pois a multiplicidade teórica do campo psicológico deriva de suas diferentes áreas de aplicação. A psicologia converteu-se em uma técnica de investigação e estratégias de ações sociais. Com esta tese, Canguilhem apresenta três definições históricas da psicologia: ciência do comportamento; da personalidade; e da conduta. Em cada uma destas definições encontraremos os problemas relativos à constituição do objeto, isto porque são as teorias que elaboram, constituem e determinam seus objetos.

Toda teoria se fundamenta numa determinada idéia de homem e a psicologia é chamada, através da epistemologia, a dizer de onde retira essa idéia. Neste aspecto, Canguilhem procura traçar uma história da psicologia para mostrar que a

mesma retira sempre de alguma filosofia seu referencial teórico.

Analisar os fundamentos da psicologia é percorrer o caminho que levou os psicólogos a afirmarem sua autonomia científica no conjunto dos saberes sobre o homem. Não é possível, para Canguilhem, separar a história da psicologia, da história da filosofia e da ciência de modo geral.

Desta forma o autor apresenta o tema da constituição do conhecimento sobre o psiquismo como advindo desde Aristóteles até o século XVII, afirmando que os estudos relativos à alma (psique) encontravam-se divididos entre a metafísica, a lógica e a física. A psique era concebida como potência da vida, como corpo vivo e não como substância separada da matéria. Por isso, é no reino da fisiologia que a psicologia encontrou seu estatuto de ciência. Para Canguilhem, o estatuto epistemológico da psicologia experimental foi estabelecido pela revolução que Galeano causou na fisiologia moderna, afirmando o cérebro como o órgão responsável pelas sensações e movimento, como a morada da alma. Assim, estudar as sensações, as percepções e o movimento é uma forma de conhecer a alma: "A ciência da alma é uma província da fisiologia, no sentido originário e universal de teoria da natureza" (p.4).

A partir do século XVIII, a psicologia passa a ser entendida como ciência da subjetividade. "Se a realidade do mundo não é mais confundida com o conteúdo da percepção, se a realidade é obtida e posta pela redução das ilusões da experiência sensível cotidiana" (p.5), a razão é chamada a estabelecer suas bases na matemática e na mecânica e assim garantir acesso à verdade pela adequação formal das idéias à realidade dos fatos. Cabe à

psicologia estudar por que o espírito é coagido a enganar-se, a  
iludir-se<sup>1</sup>.

Canguilhem apresenta Descartes e Malebranche como os principais mestres das "regras para a direção do espírito". Tratar os dados sensoriais enquanto realidades materiais permitiu à psicologia moderna estruturar-se como parte da física e da matemática. Wundt é um continuador desta visão fisicalista que permanece até os dias atuais.

Enquanto ciência da subjetividade, o termo psicologia aparece no século XVIII com Wolff, discípulo de Descartes na Alemanha, e adquiriu o **status** de ciência do eu. A interioridade surge como espaço de representação da realidade exterior.

"Kant possui, até hoje, a glória de ter estabelecido que se Wolff pôde batizar os seus recém-nascidos pós-cartesianos de Psicologia Empírica (1732) e de Psicologia Racional (1734) não conseguiu, por outro lado, fundamentar suas pretensões à legitimidade" (p.9).

Por isso, Kant atribuiu à antropologia a tarefa de realizar aquilo que para os modernos caberia à psicologia<sup>2</sup>.

A crítica de uma psicologia sensualista,

-----

1.A análise de ROUANET, S.P., A razão cativa: as ilusões da consciência de Platão à Freud, São Paulo, Brasiliense, 1985 sobre a constituição do espaço interno e do espaço externo, são muito apropriadas para acompanhar a trajetória histórica que Canguilhem faz da definição da psique.

2.Quando de sua defesa de doutorado, Foucault apresentou uma preleção sobre o texto de Kant em que trata desta questão. O texto de 130 pags. de Foucault encontra-se até hoje nos arquivos da Sorbonne. Segundo Eribon, "elas não são letras mortas"; nelas é possível identificar a origem de várias passagens de *Les mots et les choses*, conf. op.cit., p.119.

considerada como clássica, foi realizada, segundo Canguilhem, por Maine de Biran, muito antes dos teóricos da **Gestalt**. A psicologia tornou-se, para Biran, a técnica do diário íntimo e ciência do sentido íntimo:

"A consciência requer o conflito entre um poder e uma resistência; o homem não é como pensou Bonald, uma inteligência servida de órgãos, mas uma organização viva servida por uma inteligência. A alma precisa estar encarnada, portanto, não há psicologia sem biologia" (p.10).

Assim, Biran inaugura um caminho que será percorrido por Pinel, fundador da medicina mental e dos hospitais especializados no tratamento das patologias da mente, a Salpêtrière por exemplo, por onde passaram Esquirol, Lelut, Baillarger, Chârcot; Pierre Janet e Sigmund Freud.

A psicopatologia tomou forma positiva com Galeano chegando até Freud e com este, adquirindo um sentido amplo. Nesta trajetória, o debate ininterrupto sobre as relações entre o físico e o psíquico tomou a dianteira dos problemas da constituição de um discurso psicológico com pretensões científicas.

Foucault apresenta duas questões fundamentais que ilustram o que afirmamos acima: sob que condições pode-se falar de doença no domínio psicológico? Que relações podem definir-se entre os fatos da patologia mental e os da patologia orgânica?. Colocadas no início de seu trabalho **Doença Mental e Psicologia**",

1

estas questões serão abordadas tendo em vista a defesa do seguinte argumento: "a patologia mental exige métodos de análise diferentes dos da patologia orgânica, e que é somente por um artifício de linguagem que se pode emprestar o mesmo sentido às doenças do corpo e às doenças do espírito" (1984:17).

A questão epistemológica central do século XIX, que é a demarcação dos limites e relações entre o físico e o psíquico, permanece aberta. A psicologia buscou seu estatuto de ciência no modelo fisiológico das ciências naturais e é chamada a apresentar seus pressupostos e critérios de cientificidade desde o final do século passado. Desvincular as atividades de pesquisa em psicologia e suas aplicações é incorrer num grande equívoco, pois o desenvolvimento das teorias psicológicas, realizadas em laboratórios, implica de antemão a definição de finalidades das mesmas. O método de pesquisa está determinado pelos critérios de cientificidade que legitima sua aplicação.

Foucault tocou no ponto nevrálgico do problema epistemológico da psicologia ao apontar os efeitos de linguagem que partindo dos conhecimentos neurofisiológicos procuram por um artifício normatizar o campo psíquico. As montagens destes artificios engendraram estratégias discursivas que disciplinam os corpos tornando-os ajustados à ordem.

-----

1. Publicado primeiramente em 1954 com o título de **Doença Mental e Personalidade**, o texto recebeu nova edição com modificações em 1966 após a publicação de **Folie et déraison; Naissance de la clinique; Les mots et les choses**. A mudança de personalidade para psicologia é significativa, pois Foucault determina o endereço de sua análise arqueológica. Vale destacar as relações deste texto com a obra de Canguilhem **O normal e o patológico**, publicada em 1943.

Para Canguilhem, "o século XIX viu surgir ao lado da psicologia como patologia nervosa e mental, como física do sentido externo, como ciência do sentido interno e do sentido íntimo, uma biologia do comportamento humano" (p.12). A psicologia, entendida como ciência do comportamento, é a que menos conseguiu fundamentar seu projeto teórico, pois ao aceitar o modelo da biologia,

"esta psicologia e seus psicólogos esquecem totalmente de situar seu comportamento em relação às circunstâncias históricas e aos ambientes sociais dentro dos quais foram levados a propor seus métodos e técnicas e a tornarem aceitos os seus serviços... estes psicólogos querem ser apenas um instrumento sem procurar saber de que ou de quem ele é instrumento" (p.13).

A psicologia do comportamento, para Canguilhem, é a mais utilitária de todas, pois concebe o homem como um organismo respondente aos estímulos do meio. Esses psicólogos partem de um postulado comum: "A natureza do homem é a de ser um utensílio, sua vocação é a de ser posto no seu lugar, na sua tarefa" (p.14).

Adaptar o organismo às condições ambientais é, para esses cientistas, torná-lo apto a desenvolver atividades necessárias ao progresso. Garantir o progresso social através de homens plenamente adaptados à ordem. É por isso que

"Nos outros tipos de psicologia, a alma ou o sujeito, forma natural ou consciência da interioridade, é o princípio dado para justificar, enquanto valor, uma certa idéia do homem em relação à verdade das coisas. Mas, para uma psicologia, onde a palavra alma faz fugir e a palavra consciência rir, a verdade do homem é dada pelo fato de que não há mais nenhuma idéia de homem, enquanto valor, diferente daquela de um utensílio" (Canguilhem p.14).

E necessário portanto, elaborar a crítica dos fundamentos da psicologia a partir de seus postulados valorativos, pois toda teoria é normativa e se constitui como padrão de verdade.

Canguilhem conclui seu ensaio, pondo em questão não mais a psicologia, mas aquilo que fazem os psicólogos:

"Na imanência da psicologia científica permanece a questão: quem tem, não a competência, mas a missão de ser psicólogo? Se não podemos definir a psicologia por uma idéia de homem, isto é, situa-la numa filosofia, não temos o poder, é claro, de proibir a quem quer que seja de afirmar-se psicólogo e de chamar de psicologia o que faz. Mas ninguém pode proibir a filosofia de continuar a interrogar-se sobre o estatuto mal definido da psicologia, tanto do lado das ciências como do lado das técnicas" (p.17).

Através da reflexão epistemológica, Canguilhem procura elaborar uma crítica aos fundamentos da psicologia, fazendo com que a mesma explicita seus pressupostos teóricos; trazendo assim, o discurso psicológico para o campo próprio de sua constituição: a filosofia.

## 2. MICHEL FOUCAULT: O ARTESAO DO SABER

O saber é histórico. As estratégias metodológicas utilizadas na montagem dos discursos que instituem a verdade são contruídas dentro de um determinado contexto histórico, onde as relações culturais engendram formas para determinar o saber. Leitor de Nietzsche, Foucault compreendeu desde seu primeiro trabalho em 1954, que os artifícios de linguagem são criados para instaurar práticas disciplinares.

Aceitando a exigência de Nietzsche de que o filósofo de situar-se para além do bem e do mal, de que tenha abaixo de si a ilusão do juízo moral, Foucault procurou contruir um bisturi genealógico para seu exercício filosófico. O saber é concebido como um tecido onde se entrelaçam conceitos que em sua montagem determina sua espessura. O saber é um tecido que reveste o corpo nu. A máquina de tear do saber são as estratégias metodológicas. Os cientistas são tecelões que produzem um saber que servirá para nomear as funções, definindo normas e significações.

Foucault apresenta a relevância da genealogia nitzscheana para suas pesquisas históricas, afirmando o conceito de emergência por oposição a busca pela origem que caracteriza o trabalho dos historiadores. Fazendo a distinção entre a história

como produto da vontade de verdade e a história efetiva como um saber perspectivo que se fundamenta na análise genealógica, afirma seu projeto como sendo o de fazer da história uma contramemória e de desdobrar conseqüentemente toda uma outra forma de tempo. É justamente isto que poderemos identificar na arqueologia que Foucault faz das ciências humanas.

Antes porém, é necessário ainda mais uma pontuação quanto à metodologia de Foucault. Assumindo o modelo genealógico de Nietzsche para a escavação dos discursos que instituem a verdade, mostrando a textura do saber-tecido, nosso artesão procurou nos labirintos históricos da loucura, das prisões, da clínica, da produção dos sujeitos de desejos os acordos silenciosos que subjazem os edifícios teóricos. A transversalidade de sua reflexão genealógica possibilitou-lhe escavar os solos discursivos onde as verdades são instituídas.

Num dos cursos do Collège de France (07.01.76) Foucault estabelece a distinção entre a sua estratégia arqueológica, usada para análise da psiquiatria, das prisões, das ciências humanas e a tática genealógica tomada de Nietzsche:

"A genealogia seria portanto, com relação ao projeto de uma inscrição dos saberes na hierarquia de poderes próprios à ciência, um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico ... Enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local assim descrita, ativa os saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade" (1985:172).

O projeto foucaultiano é assim apresentado como uma reativação dos saberes locais (loucura, sexualidade, clínica,

ciências humanas, etc) contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos intrínsecos de poder. A emergência dos saberes locais é uma estratégia de Foucault para analisar os solo epistêmico sobre o qual tais saberes se edificam. A hierarquização científica é desmontada para que os saberes possam ganhar espessura. Nos escombros da ciência hierarquizada Foucault irá mapear o sítio arqueológico dos saberes.

Ao comentar o projeto filosófico de Foucault, Chauí demarcou sua relevância e originalidade:

"A arqueologia se apresenta como um estudo dos vestígios escondidos que subjazem aos edifícios teóricos e às práticas sociais, uma trama de idéias, instituições, atitudes, condutas (filosóficas, científicas, políticas, econômicas, artísticas, etc) que são operantes numa sociedade graças aos silêncio em torno do que as tornou possíveis. Foucault procurou escavar esse silêncio num lugar muito curioso: nos discursos. O silêncio não é o que os discursos não dizem, mas são os conjuntos de estratégias empregadas para a montagem desses discursos" (1984:181).

Elaborando uma arqueologia das ciências humanas, Foucault estabeleceu um solo epistemológico no qual se edificaram diferentes níveis discursivos acerca da realidade humana. Nosso objetivo é analisar os argumentos de Foucault em sua "arqueologia das ciências humanas" e neles identificar o surgimento da psicologia como ciência no final do século XIX. Acompanharemos os argumentos de Marilena Chauí quanto à destruição da subjetividade como espaço de representação para adentrarmos no último capítulo da obra de Foucault *As palavras e as coisas*, e analisar sua argumentação sobre a contrução dos discursos tecidos pelas ciências humanas.

Na primeira parte de um artigo intitulado "A destruição da subjetividade na filosofia contemporânea", Marilena Chauí propõe demonstrar que "um certo conceito e uma certa função de subjetividade estão sendo sistematicamente recusados pelo pensamento contemporâneo" (1983:29). Partindo de uma identidade entre subjetividade e consciência, estabelece três instâncias que caracterizam a subjetividade: ego, sujeito e pessoa. A primeira é a capacidade de a consciência reconhecer-se a si mesma, como idêntica através da sucessão temporal e da dispersão espacial; na segunda, a consciência é o lugar da representação dos objetos exteriores, uma atividade que reconhece ou que produz, a partir de si mesma, o sentido do real; na terceira, a consciência se define pela capacidade de deliberar e decidir, enquanto agente livre e responsável por seus próprios atos. Assim, "ego, sujeito e pessoa definem a subjetividade como um poder totalizador que se debruça sobre si mesmo, sobre os objetos e sobre os outros homens para determinar, isto é, decidir, seu sentido" (1983:30)

Passando em revista a história da consciência como produto da modernidade, localiza Descartes como um pensador que fundou a subjetividade em argumentos ontológicos (a existência de Deus) e Kant como tendo estabelecido uma subjetividade fundada em argumentos epistemológicos (a realidade dos fenômenos).

No primeiro, a constituição do cogito, no segundo a definição de sujeito. Ambos estariam demarcando a consciência como o espaço da representação do mundo exterior. A episteme clássica fundada sobre a noção de representação, servirá como modelo explicativo para o surgimento das ciências naturais. O

pressuposto desta noção é a separação entre sujeito e objeto, como termos independentes. O objeto é tudo aquilo que possui materialidade e é exterior ao sujeito. Este, por sua vez, se constitui pela capacidade de representar através de idéias todas as informações adquiridas pela percepção do objeto. Assim, a "representação opera por separação, a primeira das quais é justamente a separação entre sujeito e objeto" (Chauí, 1983:32).

A questão que irá determinar a crítica dos fundamentos das ciências humanas no século XIX é o deslocamento da representação para uma nova episteme que possibilite a demarcação da subjetividade como construção interpretativa, onde a noção de homem emerge das relações entre o desenvolvimento das forças produtivas, destruindo a noção de subjetividade como espaço de representação. A consciência do homem deixa de ser o espaço de representação dos fenômenos naturais, passando a ser intérprete dos mesmos. Isto se dá na medida em que o homem é convertido em objeto do próprio saber. Por isso, Chauí localiza historicamente a subjetividade, datada como fonte de certeza por Descartes e ratificada por Kant e recebendo seu atestado de óbito com Freud, Nietzsche, Marx e por todo movimento filosófico que tomou estes autores como fonte de inspiração.

A subjetividade "só pode nascer quando o ser humano aparece dotado de características que o distinguem da natureza; não é mais parte dela, se põe pela linguagem, pela capacidade de simbolizar, e apropriar-se dela pela capacidade de trabalho. Isso só ocorreu no século XIX" (Chauí, 1983:34). O mapeamento dessas características possibilitou a Foucault escavar

os dispositivos de saberes que engendraram uma discursividade que servirá para definir o tema da cientificidade. A ciência passa a ser compreendida como um dispositivo de saber que instaura discursividade, que determina práticas institucionais e disciplinas corporais.

A tese central de Foucault é apresentada por Machado nos seguintes termos:

"So pode haver ciencia humana -psicologia, sociologia, antropologia - a partir do momento em que o aparecimento, no século XIX, de ciências empíricas -biologia, economia, filologia- e das filosofias modernas, que têm como marco inicial o pensamento de Kant, tematizaram o homem como objeto e como sujeito de conhecimento, abrindo a possibilidade de um estudo do homem como representação" (1985:IX).

Tendo como objetivo realizar uma análise arqueológica que consistia em descrever a constituição das ciências humanas a partir de uma interrelação de saberes, do estabelecimento de um rede conceitual que lhes cria o espaço de existência, deixando propositalmente de lado as relações entre os saberes e as estruturas econômicas e políticas, Foucault inaugurou um modo de fazer epistemologia pela análise dos dispositivos de saber que estruturam discursos que pretendem alcançar o grau de validade científica.

Realizando uma desconstrução dessas discursividades locais através de um recorte epistemológico, Foucault define que seu objetivo é

"trazer à luz o campo epistemológico, a episteme onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas antes de suas condições de possibilidade"(1987:11).

Elaborar uma arqueologia das ciências humanas é, para Foucault, um projeto de estabelecer a episteme sobre a qual tais saberes se edificaram.

Demarcando a trajetória da arqueologia foucaultiana, Machado afirma:

"O que caracteriza a reflexão de Foucault em *Les mots et les choses* é especificamente a investigação de uma ordem interna constitutiva do saber. É então que se coloca a questão da episteme. Episteme não é sinônimo de saber; significa a existência necessária de uma ordem, de um princípio de ordenação do discurso estabelecida pelos critérios de cientificidade e dela independente" (1988:148).

Através da análise arqueológica, Foucault identificou duas grandes discontinuidades na episteme da cultura ocidental: a noção de representação que inaugura as discursividades na idade clássica que inicia-se em meados do século XVII e vai até o início do século XIX; a noção de interpretação que marca o século XIX inaugurando a subjetividade a partir de determinada idéia de homem como representação das dobras do saber. Na introdução de sua obra, afirma que "é um reconforto e um profundo apaziguamento pensar que o homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra de nosso saber, e que desaparecerá desde que houver encontrado uma forma nova". Na última página profetiza: "O homem é uma invenção cuja recente data a

arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo" (1987:13 e 404).

Causa certo desconforto a idéia de que o homem é uma invenção recente e que seu fim está próximo. Seu registro de nascimento é datado com o aparecimento das ciências humanas. Foucault se propõe a analisar as condições históricas do nascimento do homem a partir da constituição de uma episteme como solo para o registro da subjetividade e dos saberes sobre o homem.

As ciências humanas são assumidas como "um conjunto de discursos que toma por objeto o homem no que ele tem de empírico", tendo aparecido "no dia em que o homem se constituiu na cultura ocidental, ao mesmo tempo como o que é necessário pensar e o que se deve saber" (Foucault, 1987:362). Assim se realiza aquilo que Foucault denomina como analítica da finitude que constitui os discursos sobre o homem em suas positivities, surge a necessidade de interrogar o ser do homem como fundamento de todas as positivities. O homem sobre o qual os discursos se dobram não passa de um fragmento da linguagem que procura nomear nos seus interstícios aquilo que se constitui como o empiricamente dado. O homem é aquilo que a linguagem representa em seu conjunto de regras, normas e significação.

Estas positivities se fundamentam numa analítica da finitude, demarcando a linguagem, a vida e a economia como elementos estruturantes, onde este conjunto de saberes irão determinar certa concepção de homem como objeto de saber em sua empiricidade e como sujeito do mesmo. Para Foucault, até o século

XIX o homem não existia como pensado, mas somente como pensante.

Por isso,

"quando, abandonado o espaço da representação, os seres vivos se alojaram na profundidade da vida, as riquezas num surto progressivo das formas de produção, as palavras no devir das linguagens. Era bem necessário nessas condições que o conhecimento do homem surgisse, com o seu escopo científico, como contemporâneo, e com a mesma textura que a biologia, a economia e a filologia..." (Foucault, 1987:362).

A finitude do homem se anuncia na positividade do saber "quando a história natural se torna biologia, quando a análise das riquezas se tornam economia, quando a reflexão sobre a linguagem se faz filologia" (Foucault, 1987:328), então um profundo movimento de rotação ocorre na cultura ocidental no século XIX: o homem aparece com sua posição ambígua de objeto para um saber e de sujeito que conhece. Na espacialidade do corpo, na abertura do desejo e no tempo da linguagem o homem é enunciado pela sua finitude: a morte que corrói anonimamente a existência cotidiana; o desejo que aproxima e neutraliza o processo econômico; o tempo que aloja e transporta o significado da linguagem.

Foucault reconhece que o debate entre ciências da natureza e ciências humanas se localizam numa disposição epistemológica das primeiras em afirmarem-se como fundamento das ciências e que tal disposição se localiza historicamente na fragmentação do conhecimento que começa a existir a partir do século XIX. A homogeneidade do conhecimento da época clássica é substituída por uma irradiação de discursos sobre a natureza e sobre a cultura. Identificando o domínio da episteme moderna em

três dimensões, Foucault nos apresenta um modelo estrutural dos saberes, tomando por analogia o triedro: ciências dedutivas -matemática e a física; ciências empíricas -biologia, economia e filologia; e a reflexão filosófica -com suas ontologias regionais. É nesse solo epistêmico das ciências empíricas que as ciências humanas moldaram seus discursos tomando de empréstimo à biologia, à economia e às ciências da linguagem o nível de formalização de sua temática.

A localização das ciências humanas num domínio epistemológico fundado numa analítica da finitude faz com que esses discursos apresentem-se como sendo ao mesmo tempo perigosos e em perigo, mantendo-se numa constante instabilidade e precariedade como ciência, por conta do fato da complexidade da configuração epistemológica em que elas se encontram colocadas, a sua relação constante com as três dimensões, que lhes dá o seu aspecto. A formalização do objeto de estudo das ciências humanas localiza-se num recuo da *mathesis* que possibilitou definir a positividade do humano: vida, trabalho e linguagem. Assim

"as ciências humanas, endereçam-se ao homem, na medida em que ele vive, em que ele fala, em que ele produz... Pode-se, portanto, fixar-se o lugar das ciências do homem nas vizinhanças, nas fronteiras imediatas e em toda a extensão dessas ciências que estudam a vida o trabalho e a linguagem" (Foucault, 1987:368).

Os humanos não só vivem, trabalham e falam, mas são representados em discursos que normatizam suas vidas, suas relações produtivas e suas formas de comunicação. Estes discursos sobre a positividade dos humanos apresentam-se para Foucault como uma "reduplicação" daquilo que constitui a esfera da finitude radical. As ciências humanas

"reconduzem sub-repticiamente as ciências da vida, do trabalho e da linguagem ao campo dessa analítica da finitude que mostra como pode o homem haver-se no seu ser com as coisas que ele conhece e conhecer as que determinam, na positividade, o seu modo de ser" (1987:371).

Nesse espaço de reduplicação, os homens deverão identificar-se como humanos nos dispositivos de saber que instituem práticas discursivas adjetivadas de científicas. A ciência seria uma espécie de espelho no qual o homem vê seus contornos humanos através de um processo de identificação de sua positividade como ser que produz, que fala e portanto vive. A experiência moderna criou através da ciência a possibilidade de instaurar o homem num saber: "o essencial é que o pensamento seja, por si mesmo e na espessura de seu trabalho, ao mesmo tempo saber e modificação do que ele sabe, reflexão e transformação do modo de ser daquilo sobre o que ele reflete" (Foucault, 1987:343).

O registro dessas discursividades é analisado a partir do triedro que representa os três modelos de empiricidade: biológico, econômico e o filológico.

"É na superfície de projeção da biologia que o homem aparece como um ser que tem funções... Na superfície de projeção da economia, o homem aparece como tendo necessidades e desejos, enquanto busca satisfazê-los, enquanto, pois, tem interesses, visa a lucros, opõe-se a outros homens; em suma, ele aparece numa irredutível situação de conflito... Na superfície de projeção da linguagem, as condutas do homem aparecem como significando algo..." (Foucault, 1987:371).

Funções, conflito e significado serão analisados por seus pares, normas médias, conjuntos de regras e sistema de signos.

Foucault identifica os objetivos das ciências humanas em três aspectos:

- definir as funções para estabelecer as normas, a fim de garantir o bom funcionamento do organismo, o que permitirá fundar as noções de normal e patológico;

- identificar o conflito para estabelecer as regras, a fim de garantir um controle sobre o processo de desenvolvimento das forças produtivas, o que permitirá fundar as noções de ordem e progresso;

- determinar o significado para estabelecer o sistema de signos, a fim de garantir à linguagem um sentido onde as palavras sejam referências das coisas, o que permitirá fundar as noções de significante e insignificante.

A partir desse triedro, construído por uma analítica da finitude, podemos entender os entrecruzamentos discursivos das ciências humanas, defendidos sob o argumento da interdisciplinaridade.

"Tudo pode ser pensado na ordem do sistema, da regra e da norma. Ao pluralizar-se, o campo das ciências humanas encontrou-se unificado... E assim que todas as ciências humanas se entrecruzam e podem sempre interpretar-se umas às outras, que as suas fronteiras se apagam, que as disciplinas intermediárias e mistas se multiplicam indefinidamente, que o seu objeto próprio acaba mesmo por dissolver" (Foucault, 1987:378).

A psicologia, a sociologia, a antropologia, por exemplo, se constituíram como ciência no entrecruzamento dos modelos epistêmicos e se sustentam neste triedro. No projeto arqueológico de Foucault poder-se-ia traçar toda a história das ciências humanas, desde o século XIX, a partir desses três modelos.

As ciências humanas que estruturam uma discursividade fundada numa analítica da finitude mantêm-se ainda

reféns de uma episteme representativa em que a consciência se constituiu pela apropriação de um discurso onde a vida, o trabalho e a linguagem estão representados. Ter consciência é apropriar-se de um discurso que nomeia em seus interstícios a positividade humana.

Tais discursos inscrevem-se, para Foucault, no primado da representação: "A representação, porém, não é, simplesmente, um objeto para as ciências humanas, ela é o próprio campo das ciências humanas, e em toda sua extensão; ela é suporte geral dessa forma de saber, aquilo a partir do qual ele é possível". É por isso que "no horizonte de toda ciência humana existe o projeto de reconduzir a consciência do homem às suas condições reais, de restituí-la aos conteúdos e às formas que a fizeram nascer e que nela se esquivam" (1987:380-381).

Tomando a análise de Foucault sobre o surgimento das ciências humanas no século XIX, podemos retomar a discussão sobre as relações entre consciência e subjetividade. Em uma comunicação apresentada no Colóquio Nietzsche, realizado em Royaumont em 1964, Foucault procurou analisar as técnicas de interpretação inauguradas por Nietzsche, Freud e Marx no século XIX, partindo de dois tipos de suspeitas que remontam à história da cultura ocidental: a de que a linguagem quer dizer algo diferente do que diz e que há linguagens dentro da linguagem.

As técnicas de interpretação só puderam existir pela ruptura com a noção de representação. Nietzsche, Freud e Marx são apresentados por Foucault como os coveiros da consciência representativa no domínio das ciências humanas. Elas

não podem receber o estatuto de ciência porque seu campo epistêmico situa-se noutra código, chamado interpretação. O processo de subjetivação passa a se constituir pela interpretação e não mais pela representação. A passagem da episteme representativa, que fundamenta o campo das ciências humanas, para a construção de uma episteme interpretativa, que fundamenta os discursos sobre a realidade humana, será realizada por esses "mestres da suspeita".

Há um deslocamento da consciência representativa para uma consciência que interroga a si mesma como espaço de representação. Nietzsche, Freud e Marx teriam levado às últimas consequências a discussão sobre os fundamentos do conhecimento, partindo de uma crítica da finitude e dos pressupostos de verdade com os quais a ciência edificou seus discursos. As técnicas de interpretação criadas pelos "mestres da suspeita" forneceram uma rede inesgotável de possibilidades para o devir humano.

"A partir do século XIX, com Freud, Marx e Nietzsche, os símbolos escalonaram-se num espaço mais diferenciado, partindo de uma dimensão que poderíamos qualificar de profundidade". A uma analítica da finitude, que apega-se à superfície, se opõe uma analítica das profundezas, e a interpretação converteu-se numa tarefa infinita, onde "os símbolos encadearam-se numa rede inesgotável, e também infinita, não porque se tenham repousado numa semelhança sem limite, mas porque tinham uma amplitude e abertura irreduzíveis". E assim que "a interpretação encontra-se diante da obrigação de interpretar-se a si mesma até o infinito; de voltar a encontrar-se consigo mesma" (Foucault, 1987b:18-26).

Esta tarefa infinita da interpretação apontada por Foucault é um argumento importante para se elaborar uma crítica dos fundamentos das ciências humanas, pois

"se a interpretação não pode nunca acabar, isto quer simplesmente significar que não há nada a interpretar. Não há absolutamente primário a interpretar, porque no fundo já tudo é interpretação, cada símbolo é em si mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas a interpretação de outros símbolos" (1987b:22).

A constituição da discursividade sobre os seres humanos é uma interpretação sobredeterminada pelas próprias condições epistêmicas da interpretação.

Foucault adverte que o "problema da pluralidade das interpretações, do confronto das interpretações, tornou-se estruturalmente possível pela mesma definição da interpretação que se prolonga até o infinito sem que haja um ponto absoluto a partir do qual se julgue e se decida" (1987b:35) e que o intérprete deve saber, por consequência, que estamos condenados a ser intérpretes ao mesmo tempo que interpretamos. Isto é apontado como um corte que atravessa a cultura ocidental do século XX e os responsáveis por esta ferida foram ao seu modo: Nietzsche, Freud e Marx.

Para delimitar nossa proposta, não acompanharemos os argumentos de Foucault sobre a psicanálise e a etnologia, apresentadas como contra-ciência:

"Em relação às ciências humanas, a psicanálise e a etnologia são antes contra-ciência... elas as assumem no contrafluxo, reconduzem-nas a seu suporte epistemológico e não cessam de desfazer esse homem que, nas ciências humanas, faz e refaz sua positividade" (1987:396).

No ensaio *Nietzsche, Freud & Marx*, encontramos os principais argumentos defendidos por Foucault sobre a psicanálise como teoria do inconsciente, fundada no primado da interpretação. Com isso, identifica-se a passagem da episteme representativa, alicerce das ciências humanas, para uma episteme interpretativa, que lançará as ciências humanas para outras direções.

Contentamo-nos em apontar a ruptura que as técnicas de interpretação inauguradas por Nietzsche, Freud e Marx fazem com a analítica da finitude fundada sobre o primado da representação, considerada por Foucault como a episteme das ciências humanas.

A arqueologia elaborada por Foucault das ciências humanas leva-nos a identificar dois problemas que pretendemos abordar nos capítulos seguintes: o processo de hierarquização do conhecimento científico através de uma busca pela origem do conhecimento e a formulação de um método específico para as ciências humanas alicerçado na fenomenologia de Husserl. Quanto ao primeiro, Foucault adverte que a busca pela origem, fez com que a modernidade concebesse uma temporalidade linear onde o pensamento deveria girar em torno de si buscando uma iminência sempre próxima e jamais realizada. O positivismo de Comte elaborou uma cronologia do homem no interior de um inventário da ciência,

"de sorte que, se todos os começos do homem têm seu lugar no tempo das coisas, o tempo individual ou cultural do homem permite, numa gênese psicológica ou histórica, definir o momento em que as coisas encontram, pela primeira vez, o semblante de sua verdade" (Foucault, 1987:349).

Segue daí, no dizer de Foucault, uma dupla tentação: "psicologizar todo conhecimento, qualquer que seja, e fazer da psicologia uma espécie de ciência geral de todas as ciências" (1987:349). Comte e seus seguidores, traçaram uma gênese do homem através de uma gênese do conhecimento científico e assim hierarquizou o conhecimento segundo uma ordem cronológica linear. Piaget por sua vez, rendeu-se à tentação apontada por Foucault, e delineou um projeto de fundamentar as ciências através de uma psicogênese do conhecimento.

No segundo problema apontado acima, Foucault afirma que Husserl teria "reanimado a vocação mais profunda da ratio ocidental, curvando-a sobre si mesma numa reflexão que seria radicalização da filosofia pura e fundamento da possibilidade de sua própria história" (1987:342). Assim, o projeto fenomenológico de elaborar uma descrição do vivido em sua empiricidade, mantém-se preso ainda a uma analítica da finitude e não foi capaz de realizar o salto em direção ao impensado como morada do homem. Foucault levanta algumas questões de grande importância para explicitar sua posição quanto ao projeto fenomenológico:

"Posso eu dizer que sou essa vida que sinto no fundo de mim, mas que me envolve tanto pelo tempo formidável que ela impulsiona consigo e que me eleva por um instante sobre sua crista, quanto pelo tempo iminente que me prescreve minha morte? Posso dizer tanto que sou quanto que não sou tudo isso; o cógito não conduz a uma afirmação do ser, mas abre justamente para toda uma série de interrogações onde o ser está em questão: que é preciso eu ser, eu que penso e que sou meu pensamento, para que eu seja o que não penso, para que meu pensamento seja o que não sou? Que é, pois, esse ser que cintila e, por assim dizer, tremeluz na abertura do cogito, mas não é dado soberanamente nele e por ele? Qual é, pois, a relação e a difícil interdependência entre o ser e o pensamento?" (1987:341).

Concluir com estas perguntas é deixar em aberto vias de acesso aos questionamentos que pretendemos fazer em torno dos projetos de estruturar a psicologia como ciência, analisando seus fundamentos quanto ao estatuto metodológico e a construção de seu objeto.

## II - A PSICOLOGIA NO REINO ENCANTADO DAS CIENCIAS POSITIVAS

### 1. AUGUSTE COMTE: O GUARDIAO DOS FENOMENOS

A partir do século XVII, a ciência tornou-se progressivamente o paradigma de verdade, criando um método racional para mensurar as experiências. O conhecimento foi sendo adjetivado de científico e assim estabeleceram-se os diferentes níveis de estruturação do saber: mítico-religioso, filosófico e científico. O conhecimento científico é metódico, sistemático e se funda na experimentação, logo só é verdadeiro aquilo que for passível de mensuração.

Auguste Comte, ao sistematizar a história do desenvolvimento da ciência elaborou de um princípio denominado lei dos três estados: teológico ou fictício; metafísico ou abstrato; científico ou positivo. Tal princípio serviu a Comte para demarcar a marcha progressiva do espírito humano. A construção dessa lei fundamental, considerada por Comte sua grande contribuição para elaborar uma síntese do conhecimento científico desde o século XVII com Bacon, na Inglaterra; Descartes, na França e Galileu, na Itália para afirmar a necessidade de estruturar uma classificação do conhecimento,

organizando assim uma síntese dos mesmos.

Nosso objetivo é fazer um recorte no pensamento comtiano apresentado na 1ª e 2ª lição do Curso de Filosofia Positiva, para analisar a impossibilidade de a psicologia receber o estatuto de ciência e quais os pressupostos de cientificidade que serviram para convertê-la em ciência no final do século XIX, definindo o comportamento como objeto de estudo psicológico. Não pretendemos apresentar as teses principais do positivismo comtiano e nem acompanhar as continuidades e rupturas de sua filosofia no decorrer do século XIX. Especificamente, entraremos em Comte para demarcar sua posição quanto às tentativas da psicologia serem reconhecidas como uma ciência na primeira metade do século XIX.

Em várias passagens, Comte identifica seu tempo como o ápice das conquistas da modernidade. Estabelece um profundo diálogo com seu tempo, reconhecendo nele um estágio avançado do espírito humano. Parte das descobertas científicas de seu tempo para identificar a evolução da humanidade, que, saindo do estado teológico e metafísico, teria enfim chegado ao estado positivo. Arroga a si a tarefa de sistematizar este estado positivo, a fim de possibilitar uma classificação do conhecimento, estabelecendo os critérios para o ordenamento metodológico da verdade.

A tese central da filosofia comtiana foi explicitada nos seguintes termos:

"O caráter fundamental da filosofia positiva é tomar todos os fenômenos como sujeitos a leis naturais invariáveis, cuja descoberta precisa e cuja redução ao menor número possível constituem o objetivo de todos os nossos esforços, considerando como absolutamente inacessível e vazia de sentido para nós a investigação das chamadas causas, sejam primeiras, sejam finais" (Comte, 1988:7).

Se os fenômenos estão sujeitos a leis invariáveis, Comte procurou estabelecer, com sua filosofia positiva, os critérios para descobrir as leis que regem os fenômenos. A invariabilidade das leis, tomada como premissa por Comte, permitirá estabelecer cinco categorias de fenômenos: astronômicos, físicos, químicos, fisiológicos e sociais.

"Todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observáveis" (Comte, 1988:5). Nesta afirmação, Comte estabelece como verdadeiros, ou positivos, os conhecimentos construídos sobre as bases do método experimental fundado por Bacon. As referências a Bacon são constantes nas lições de Comte. Admitindo que só é possível elaborar um conhecimento a partir dos critérios metodológicos da experimentação, Comte entende por fenômeno aquilo que aparece, que pode ser observado. O que não for passível de observação não pode ser conhecido, pois a observação dos fatos é condição necessária para a demonstração das leis que regem os fenômenos.

No entanto, a observação em si não é critério para demarcar o conhecimento científico do conhecimento vulgar, ou do senso-comum. Isto porque tanto o pescador quanto o metereologista observam a direção do vento e são capazes de dizer se haverá chuva ou não. A diferença entre eles está no fato de que a

observação do cientista é teleguiada por uma teoria enquanto o pescador funda sua observação na experiência cotidiana.

Tendo estabelecido as cinco categorias dos fenômenos, passíveis de observação, Comte irá classificar as ciências segundo uma ordem determinada pelo grau de simplicidade ou pelo grau de generalidade dos fenômenos, mediante a qual segue-se uma em dependência da outra. Primeiramente divide os fenômenos naturais em duas classes: a dos corpos brutos e a dos corpos organizados. Segue daí a afirmação da física inorgânica, dividida em duas seções: a celeste e a terrestre; e da física orgânica, dividida também em duas seções: a fisiologia e a física social.

A construção dessa escala enciclopédica permitiu a Comte estabelecer os critérios para o ordenamento do espírito positivo e assim garantir à sua filosofia positiva o estatuto de sistema geral das ciências. O positivismo comtiano forneceu às ciências no século XIX a filosofia de que precisavam para demarcar as distinções entre o campo epistêmico das ciências por oposição às investigações metafísicas.

Interessa-nos neste trabalho reconhecer tais bases para compreender a edificação da psicologia. Quanto a isto, veremos que Comte não admite a possibilidade de a psicologia ser uma ciência, pois ela não tem como preencher o requisito necessário para se constituir como saber positivo. Assim, Comte indica como pura ilusão a possibilidade de a psicologia ser uma ciência.

No entanto, os críticos da psicologia experimental

são unânimes em afirmar suas bases positivistas. O que aconteceu com a psicologia entre as advertências de Comte, explicitadas na 1ª lição em 1830 e seu registro como ciência em 1879, com a criação do primeiro laboratório em Leipzig? A primeira vista, poderemos responder que se trata de uma questão geográfica, ou seja, que a psicologia na França, berço do positivismo, teve dificuldades de se constituir, ao passo que na Alemanha, houve espaço para Wundt desenvolver suas pesquisas psicológicas. No entanto, a questão merece um tratamento mais sistematizado, pois o que está em jogo é a adequação metodológica do saber psicológico aos cânones de cientificidade do século XIX e isto determinando a construção do objeto que possa receber o aval de passível de mensuração.

Se a observação só é possível através de um recurso teórico e metodológico, o cientista deve por princípio determinar seu objeto de estudo por uma adequação aos recursos cientificamente reconhecidos como tais. Não há observação sem teoria, pois o olhar do cientista deve voltar-se para os fenômenos afim de apreender as leis invariáveis que os regem.

Lowy (1987:17) apresenta três idéias centrais do positivismo que servem para explicitar nossa trajetória: a sociedade humana é regulada por leis semelhantes à natureza, invariáveis, independentes da vontade e da ação humana; os métodos e procedimentos para conhecer a sociedade são exatamente os mesmos utilizados para conhecer a natureza; o conhecimento científico deve ser objetivo e neutro, isto é, livres de juízos de valor.

Para Comte "o espírito humano pode observar

diretamente todos os fenômenos, exceto os seus próprios. Pois quem faria a observação?" Não pode haver fenômenos psíquicos, pois o psiquismo não é passível de observação e assim, não há observação interior. Observar é olhar para fora, ver nos fenômenos aquilo que aparece. Apreender as aparências e nelas identificar as leis de tal forma que qualquer observador possa dizer o mesmo. Sendo impossível de realizar uma observação interior, pois aquele que observa é também observado, a psicologia não pode se constituir uma ciência. O chamado método introspectivo está banido da filosofia positiva, pois o mesmo "engendra quase tantas opiniões divergentes quantos indivíduos há que acreditam a ela se entregar" (Comte, 1988:13).

As considerações feitas por Comte situam-se na exposição que faz das vantagens da filosofia positiva para o pleno progresso do espírito humano. Apresenta quatro propriedades fundamentais da filosofia positiva: fornecer o único e verdadeiro meio racional de pôr em evidência as leis lógicas do espírito humano; presidir a reforma geral do sistema de educação; estabelecer uma hierarquização das ciências; fornecer uma base sólida para reorganização social, pondo fim ao estado de crise social em que se encontram as nações civilizadas.

Não iremos analisar cada uma dessas vantagens, apenas indicaremos que é na primeira delas que se situam as críticas de Comte à psicologia de sua época. Partindo da concepção fisiológica de De Blainville em seus **Princípios Gerais de Anatomia Comparada**, no qual estabelece que "todo ser vivo pode ser estudado em seus fenômenos de duas ópticas fundamentais, a



estática e a dinâmica, isto é, como apto a agir e como agindo efetivamente", Comte irá deduzir que não pode haver fenômenos psicológicos, pois os seres vivos, dentre eles o homem, só pode ser conhecido por este critério. Assim, "sob o ponto de vista estático, seu estudo só pode consistir na determinação das condições orgânicas de que dependem" e "sob o ponto de vista dinâmico, tudo se reduz a estudar a marcha efetiva do espírito humano em exercício". A física orgânica se ocupa de ambos aspectos em sua dupla seção: a fisiologia, que estuda as determinações da ação dos seres, e a física social, que estuda as ações propriamente ditas.

Dessa forma, a fisiologia e a física social se constituem como as únicas possibilidades de conhecimento positivo sobre os fenômenos humanos: enquanto organismos vivos e enquanto relações destes organismos entre si. Toda a esfera da ação se reduz aos dispositivos para e as consequências de:

"Percebe-se que de nenhuma perspectiva há lugar para essa psicologia ilusória, última transformação da teologia, que se tenta em vão reanimar hoje e que, sem perturbar nem o estudo fisiológico de nossos órgãos intelectuais, nem a observação dos processos racionais que dirigem nossas diversas pesquisas científicas, pretende chegar à descoberta das leis fundamentais do espírito humano, contemplando-o ele próprio, a saber, fazendo completa abstração das causas e efeitos" (Comte, 1988:13).

Se a psicologia é excluída da enciclopédia positiva de Comte é pela incapacidade de sustentar um objeto de estudo passível de mensuração e controle, mas também, porque qualquer pretensão à cientificidade implica a adoção dos critérios metodológicos assumidos por Comte como método positivo.

O caráter do método já está dado de antemão à construção do objeto. Partindo, como já dissemos, do desenvolvimento das ciências desde o século XVII, Comte pretendia criar a física social como dependente da fisiologia, esta por sua vez, dependendo da química, que depende da física que é derivada da astronomia e que se funda na matemática. Nesta hierarquia da ciência positiva, Comte afirma a impossibilidade de a psicologia se constituir, pois aquilo que pretensamente seria seu objeto, o psiquismo, só pode ser estudado como fenômenos fisiológicos, por um lado e como fenômenos sociais, por outro.

Portando-se como guardião dos fenômenos, Comte obriga àqueles que pretendem estudar cientificamente o psiquismo a dizer quais são os fenômenos psicológicos. Se os psicólogos pretendem entrar no castelo encantado da ciência devem anunciar suas credenciais, enunciar as características do psiquismo. Caso contrário, a psicologia continuará proibida de entrar na corte, ficará à margem como a poesia, a filosofia e a religião.

O problema epistemológico que se apresenta nesta metáfora está na demarcação dos fenômenos psíquicos e na adaptação às regras que definem quais conhecimentos são científicos e quais pertencem à esfera da metafísica. Determinar o que é científico e o que não o é foi uma tarefa realizada por Comte e assumida por seus seguidores. Aos filósofos Comte delegou a tarefa de sistematizar, segundo a ordem dos fenômenos, o conhecimento científico. O que posteriormente será assumido como uma análise lógica dos predicados da linguagem científica e sua coerência metodológica.

## 2. JEAN PIAGET: O CAVALEIRO DO CONHECIMENTO

As teorias do conhecimento são definidas por Piaget em duas ordens: estáticas e processo. As primeiras -consideradas tradicionais pelo autor- concebem o conhecimento como um fato e parte de uma concepção estática entre sujeito que conhece e objeto a ser conhecido. A segunda concebe o conhecimento como processo e dialeticidade entre sujeito e objeto.

Reunidos numa coletânea, Piaget (1978) apresentou em vários artigos publicados em diferentes datas e em diversos periódicos, suas idéias de uma psicologia genética fundamentado numa teoria do conhecimento concebida como processo e estabelecendo uma identidade entre uma análise histórico-crítica e a análise psicogenética. A epistemologia passou a ser definida por seu estatuto psicológico: "epistemologia é a teoria do conhecimento válida e, mesmo que esse conhecimento não seja jamais um estado e constitua sempre um processo, tal processo é essencialmente a passagem de uma validade menor para uma validade superior" (Piaget, 1978:14). Piaget retoma seus conceitos centrais para a formulação de uma epistemologia genética: as fases estruturais do desenvolvimento da inteligência (sensório-motora, pré-operacional, operatórias-concretas e lógicas);

assimilação; acomodação; reversibilidade; conservação; etc.

O objetivo da psicologia genética é estudar o processo de desenvolvimento do indivíduo através da criança. Para Piaget os estudos psicológicos da criança foram o primeiro passo para a constituição da psicogênese:

"Não há dúvida de que a psicologia da criança constitui uma espécie de embriologia mental, enquanto descrição dos estágios do desenvolvimento do indivíduo e, principalmente, enquanto estudo do próprio mecanismo deste desenvolvimento: a psicogênese representa, aliás, parte integrante da embriogênese" (1978:30).

As bases biológicas da psicologia genética, aqui identificadas, servirão para sustentar sua concepção de epistemologia e, sobretudo, determinarão sua concepção de psicologia. Iremos posteriormente demonstrar que Piaget contribuiu originalmente para as bases biológicas que marcaram a história da psicologia neste século. Seguindo a esteira do movimento neopositivista da década de 50, Piaget procura um abrigo na filosofia da ciência para sustentar sua teoria do conhecimento, isto porque considera a ciência como o lugar do conhecimento e a tarefa da filosofia é elaborar uma síntese do conhecimento científico através de uma análise evolutiva dos mesmos.

Afirmando que a teoria do conhecimento é, sem dúvida, essencialmente, uma teoria da adaptação do pensamento à realidade, Piaget estabelece uma nítida conexão entre as bases psicogenéticas e as formulações da fisiologia embrionária. "A psicologia genética é ciência cujos métodos são cada vez mais semelhantes aos da biologia" (1978:30-31). Tal semelhança revela uma justaposição metodológica entre campos de fenômenos

distintos: fisiológicos e psicológicos. Reduzir a psicologia a uma epistemologia genética é mantê-la no campo próprio dos fisiologistas, dos biólogos da mente; que receberam o legado de Wundt.

Piaget, define seu espaço epistêmico, fala como biólogo e procura estudar o conhecimento como um processo de estruturação da inteligência. Sua tese central é de que a experiência é a base dos conhecimentos e a abstração só é possível a partir do objeto incorporado às estruturas de equilíbrio. Experiência é entendida como processo de assimilação e acomodação da estrutura neurofisiológica da inteligência adaptativa. Piaget, visa ao processo de desenvolvimento estrutural, à gênese do pensamento lógico.

Ao analisar as relações entre as ciências e a filosofia, Piaget apresenta-se ao público de Amsterdam em 1947 como um psicólogo, julgando-se incapaz para falar como filósofo, ou como cientista. Inicia a conferência caracterizando o conhecimento filosófico e o conhecimento científico. Se ambos os conhecimentos se distinguem na elaboração dos problemas e na busca de respostas, eles encontram na epistemologia seu ponto de convergência. Para Piaget, a tarefa de uma epistemologia científica não é própria ao filósofo, mas sim ao cientista. A construção de uma epistemologia científica é uma tarefa necessária ao avanço do conhecimento científico.

A tarefa de uma reflexão epistemológica é parte necessária da atividade do cientista, pois somente ele é capacitado para estabelecer os fundamentos de suas atividades e

colaborar para que o conhecimento adquira bases históricas evolutivas. Assim, a epistemologia é entendida como um estudo do aumento (evolução) dos conhecimentos e tal estudo pode ser elaborado através de métodos para uma análise logística, genética ou histórica.

Compete à epistemologia demarcar através de proposições lógico-matemáticas e de sintaxe lógica os conceitos científicos para chegar a uma univocidade terminológica no labor científico. Os pensadores do Círculo de Viena são identificados por Piaget como analistas da linguagem científica. Para eles, fazer epistemologia é elaborar uma análise lógica dos predicados da ciência. Piaget critica seus contemporâneos e afirma que somente uma análise genética é capaz de resolver as questões formuladas pelos cientistas sobre a evolução ou desenvolvimento do conhecimento.

Piaget define que somente uma análise genética e histórica pode dar conta do conhecimento como processo cumulativo e que "a epistemologia científica ou estudo do aumento dos conhecimentos supõe um apelo à psicologia, enquanto prolongamento necessário da análise histórico-crítica"<sup>1</sup>. Vê-se que o autor procura resolver os problemas pertinentes às relações entre

---

1. Nos últimos anos está se desenvolvendo pesquisas para demonstrar que a psicogênese piagetiana forneceu subsídios para uma psicologia social. As teorias piagetianas passaram a ser lidas à luz do materialismo-histórico formulado por Marx e Engels. Não pretendemos entrar no mérito desta questão. Nossos objetivos voltam-se para as concepções que Piaget elaborou de psicologia. Também poder-se-ia argumentar sobre o uso irrestrito das teses psicogenéticas nas mãos de psicólogos e pedagogos e mais recentemente as escolas de computação que anunciam como estratégia de marketing o método piagetiano.

filosofia e ciência através da psicologia, entendida aqui como estudo genético:

"O estudo psicológico pode prestar à epistemologia científica ou teoria comparada do aumento dos conhecimentos exatamente os mesmos serviços: só ela permite esclarecer-nos sobre o verdadeiro alcance e sobre as ligações efetivas das intuições fundamentais, cuja evolução das noções científicas foi ora beneficiária, ora vítima" (1978:110).

Piaget procura assim, ordenar as ciências num sistema chamado de "círculo das ciências", que tem como objetivo estabelecer uma classificação das ciências e suas conexões interdisciplinares. O problema da unidade da ciência é suscetível, segundo Piaget, de uma solução simples: "O sistema das ciências deve ser concebido como uma ordem cíclica e não como uma sequência retilínea"(1978:121). Sua proposta é ampliar o sistema positivo comtiano e instaurar as ciências do homem numa ordem cíclica onde a interdisciplinaridade seja possível. Veremos que tal proposta, muito embora queira afirmar-se como inovador, mantém-se alicerçada nos mesmos critérios de cientificidade sobre os quais Comte edificou sua enciclopédia classificatória das ciências.

## 2.1 - O CIRCULO DAS CIENCIAS

Piaget fundou com seus colaboradores o **Centro Internacional de Epistemologia Genética** em 1955, ligado à Faculdade de Ciências de Genebra, com um duplo objetivo:

"Primeiro, assegurar uma estreita colaboração entre psicólogos especialistas do desenvolvimento genético, lógicos especialistas da formalização e finalmente cientistas das diversas disciplinas a respeito das quais se colocam problemas de epistemologia; em seguida, reduzir estes problemas a formulações de tal modo que se prestem a ser tratados pelos meios da psicologia experimental, e chegar pois a soluções sancionadas pela experiência" (Banché, 1976:51).

Na década de 60, Piaget afirmava que o futuro pertence às pesquisas interdisciplinares. Inicia com seus colaboradores do Centro de Genebra um projeto de pesquisa encomendado pela UNESCO, com a seguinte finalidade: "Destacar os elementos de comparação possíveis entre as tendências e as correntes das ciências humanas" (1978:129).

Os resultados desse projeto de pesquisa começaram a ser publicados no início da década de 70 na "Coleção Ciências Sociais e Humanas", editada pela UNESCO, com o título **Tendances Principales de la Recherche dans les Sciences Sociales et**

1  
Humaines<sup>1</sup>. Antes de passar a uma análise do volume I da referida Coleção, vejamos algumas características do projeto inicial apresentado em 1964.

Como já acenamos, a finalidade da pesquisa era estabelecer condições para uma interdisciplinaridade. Tema recorrente nos estudos do Centro de Genebra, a interdisciplinaridade aparece como consequência de uma classificação do conhecimento científico, isto porque, segundo Piaget, sem uma ordem interna, definida pelo objeto próprio de cada área do saber, não é possível sustentar a interdisciplinaridade. A pesquisa interdisciplinar ainda não acontece, segundo Piaget, porque falta uma classificação nas ciências humanas, tal como existe nas ciências da natureza e falta uma organização nas pesquisas dos Institutos e Universidades. Atento a esta falta, Piaget propõe-se a realizar um projeto de classificação das ciências, denominado de "círculo das ciências", por oposição ao projeto comtiano que hierarquizou as ciências num sentido vertical por seus objetos e horizontal pelo seu aparecimento histórico.

Piaget define o campo específico de seu projeto, ou seja, as ciências humanas e sociais, isto porque estas ciências "comportam técnicas propriamente científicas, no sentido estrito do termo: pesquisa das leis por observação sistemática, experimentação, matematização ou dedução qualitativa, mas

-----  
1. Piaget assume a autoria do volume I A situação das ciências do homem no sistema das ciências; do volume IV A psicologia; e do volume VIII Problemas gerais da investigação interdisciplinar e mecanismos comuns.

regulada por algoritmos simbólicos rigorosos"(1978:131). Partindo desse critério de cientificidade, o autor apresenta a seguinte classificação, fazendo a distinção entre ciência e disciplina:

- ciências das leis: sociologia, antropologia cultural, psicologia, economia política e econometria, demografia, linguística, cibernética, lógica simbólica e epistemologia do pensamento científico, pedagogia experimental.

- disciplinas históricas: história, filologia, crítica literária etc.

- disciplinas jurídicas: filosofia do direito, história do direito, direito comparado etc.

- disciplinas filosóficas: moral, metafísica, teoria do conhecimento etc.

Em seguida, procura estabelecer cada uma das ciências das leis e suas relações com as disciplinas. É curioso notar que a distinção entre ciências e disciplinas conduz Piaget a assumir o mesmo critério estabelecido por Comte.

Vejamos como Piaget agrupa os conhecimentos na categoria de ciências das leis: são conhecimentos que se expressam como um "estudo análogo ao que se refere às ciências matemáticas, físicas e naturais, porque todas procedem por experimentação, por observação sistemática (estatística, etc.) ou por dedução algorítmica" (1978:135) e porque já apresentam certo grau mais ou menos alto de conexões interdisciplinares e poderiam ser ainda mais desenvolvidas por tais interações. Apresenta como analogia aquilo que constitui seu fundamento epistemológico, ou seja, tomar como modelo as ciências naturais para constituir uma classificação das ciências humanas e manter-se no mesmo solo

metodológico e assim, por extensão, adotar o mesmo critério de cientificidade.

Piaget procura deixar claro que a epistemologia contemporânea não é obra dos filósofos, isto porque sua tarefa tende a "se constituir no terreno das ciências particulares, sob a forma de discussões sobre os fundamentos e de reflexões sobre a história dessas ciências"(1978:141). Por consequência, o cientista não pode prescindir de uma abordagem epistemológica de sua área de saber. Esta epistemologia interna à atividade científica encontra-se com problemas psicológicos que só a epistemologia genética é capaz de responder. Desta forma, Piaget apresenta a epistemologia genética como modelo de pesquisa interdisciplinar, porque pode servir como ponte entre os problemas psicológicos do desenvolvimento do conhecimento, a psicogênese e os problemas específicos de cada ciência particular.

A diferença que Piaget aponta entre um modelo linear de classificação das ciências da natureza, proposto por Comte e seu modelo circular, pareceu-nos não resolver o problema. A circularidade proposta por Piaget toma como modelo a espiral onde cada volta amplia a anterior. As ciências obedecem assim uma teleologia que possibilita as voltas em torno de uma ordem crescente. A questão da circularidade, no sentido espiral para Piaget e a linearidade hierarquizada das ciências de Comte colocam-se no mesmo patamar, ou seja, os critérios metodológicos permanecem os mesmos em ambos.

A distinção entre ciências nomotéticas, que

procuram estabelecer leis que expliquem o funcionamento da realidade dos fatos buscando sua generalidade e as ciências históricas que têm por objetivo compreender o desenrolar de todas as manifestações da vida social no decurso do tempo apenas acentua o problema por nós suscitado da manutenção do mesmo solo metodológico. Não é a linearidade ou a circularidade que distinguem Comte de Piaget. Em ambos, o critério de cientificidade é o mesmo: o método experimental.

Seguindo os argumentos de Piaget no projeto encomendado pela UNESCO, encontramos uma nova classificação dos conhecimentos sobre os humanos em quatro grandes conjuntos: ciências nomotéticas, que ele chamou no projeto de 1964, de ciências das leis; ciências históricas; ciências jurídicas; disciplinas filosóficas. Do modelo proposto no projeto inicial, permaneceu como disciplinas somente aquelas voltadas aos estudos filosóficos, consideradas por Piaget, um grupo particularmente difícil de classificar; enquanto as demais receberam o estatuto de ciências. Interessa-nos aqui identificar as ciências nomotéticas, pois é nelas que a psicologia será incluída.

As ciências nomotéticas são aquelas

"que procuram extrair leis, no sentido, por vezes, de relações quantitativas de certo modo constantes e exprimíveis sob a forma de fatos gerais ou de relações ordinais, de análises estruturais, etc., que se traduzam por meio da linguagem corrente ou duma linguagem mais ou menos formalizada" (Piaget, 1971:21).

Piaget apresenta três critérios que distinguem as ciências nomotéticas das históricas e jurídicas: sua finalidade consiste no estabelecimento e na procura de leis; na utilização do método experimental, que consiste na observação sistemática,

no controle estatístico, na análise de variáveis e no controle das relações de implicação; e por fim seu estatuto é análogo ao das ciências naturais, ou seja, só fazer incidir as investigações em poucas variáveis de cada vez.

Estabelecidos estes critérios, Piaget levará à prática sua concepção genética, demarcando os fatores que conduziram as disciplinas do estado pré-científico ao científico. O que caracteriza o estado pré-científico? O estado científico. Tendo estabelecido os critérios de cientificidade, Piaget passa a caracterizar o estado anterior a estes critérios. Aqui se propõe a realizar uma história das ciências nomotéticas, partindo do agrupamento de cinco fatores e em cada um deles analisa a situação das ciências classificadas nesta categoria:

1o. tendência comparativista que expressa o egocentrismo do espírito humano, onde o eu é tomado como centro de referência para o conhecimento do mundo;

2o. tendência histórica ou genética, que consiste na progressão da consciência, descentralizando-a, assumindo sua dimensão histórica evolutiva. Piaget destaca o impacto das teorias de Darwin sobre a evolução dos seres organizados e da doutrina positivista de Comte para esta tendência;

3o. influência determinante das ciências naturais no desenvolvimento das ciências do homem através das questões metodológicas postas pela filosofia positiva de Comte;

4o. as exigências metodológicas que estabelecem as fronteiras entre o conhecimento científico e o filosófico ou metafísico. Aqui se põe a questão da ruptura das ciências com a

filosofia e sua conseqüente autonomia:

5o. a constituição do método para as ciências nomotéticas do homem, que consiste nos instrumentos de verificação.

Concluindo, a fase científica do conhecimento tem início quando, "dissociando o verificável do que é apenas reflexivo ou intuitivo, o investigador elabora métodos especiais, adaptados ao seu problema, que sejam simultaneamente de aproximação e de verificação" (Piaget, 1971:48).

Toda argumentação de Piaget gira em torno da distinção que estabelece entre sujeito egocêntrico, centrado em seus órgãos dos sentidos, e sujeito epistêmico, descentrado, que coordena suas ações através de um planejamento e de práticas de mensuração.

A passagem do estado pré-científico, onde impera o sujeito egocêntrico ao estado científico, dominado pelo sujeito epistêmico, dá-se pela ruptura que a experimentação faz no raciocínio dedutivo. Analisa em três aspectos a passagem da dedução à experimentação:

1o.- "a tendência natural do espírito é de intuir o real e deduzir, mas não de experimentar", isto porque a experimentação exige uma atitude metodológica (o que o sujeito egocêntrico não tem) que deve ser aprendida;

2o.- a dedução lida com fatos livremente, enquanto a experimentação requer uma atitude de complexidade diante dos fatos;

3o.- a experiência nunca é uma simples leitura do real, ela exige um conjunto de fatores sobre os quais a dedução

guiará o pesquisador.

Em seguida, Piaget (1971:87-89) passa a caracterizar os métodos de experimentação, classificando-os em cinco vias metodológicas:

1o. - **método funcionalista**: que tem como objetivo, "elaborar uma análise matemática das variações e das dependências funcionais";

2o. - **método estruturalista**: criado por Lévi-Strauss para a análise dos fenômenos culturais, tem por objetivo, "procurar sob os observáveis o papel das estruturas como sistemas de transformação cujo equilíbrio móvel se preste às análises da matemática qualitativa (álgebra geral)";

3o. - **método etnológico**: de influência marxista, procura coordenar a "análise estruturalista com a história, consistindo então a explicação em combinar a estrutura e a gênese";

4o. - **método estrutural-funcional**: tem como objetivo buscar numa escala inferior as repercussões ou os correspondentes dos grandes fenômenos de escala superior, combinando o estruturalismo com a análise funcional;

5o. - **método histórico-crítico**: assumido pelo autor como sendo o "estudo comparativo sobre o desenvolvimento do ser humano em diferentes meios sociais fornecendo informações decisivas sobre as contribuições coletivas para a natureza do homem".

A classificação dos métodos das ciências do homem, elaborada por Piaget, serve para identificar os problemas relativos aos critérios metodológicos, a partir dos quais define-se o conhecimento científico. As ciências do homem,

analisadas pelo autor, fundamentam suas pesquisas em métodos científicos, entendidos como meios objetivos para analisar os fenômenos humanos que são sociais, psicológicos, econômicos, linguísticos etc.

Antes de analisar as diferenças entre as ciências do homem e as ciências da natureza, Piaget afirma que o homem de ciência não é um puro sábio, mas está comprometido com determinada posição filosófica ou ideológica. Ao longo do capítulo em que trata das correntes filosóficas, Piaget toma o conceito de ideologia como sinônimo de filosofia, referindo-se à filosofia como suporte ideológico para a ciência. Identifica três correntes filosóficas que influenciaram a constituição das ciências do homem: o empirismo ou positivismo lógico; a dialética e a fenomenologia.

O empirismo como vertente da filosofia anglo-saxônica, contribuiu decisivamente para o nascimento das ciências humanas, e segundo Piaget, serviu de fonte para a psicologia e a sociologia no final do século passado:

"E, pois, inegável que tal corrente ideológica contribuiu de maneira positiva para o avanço das ciências do homem e também não se podem desprezar as contribuições contemporâneas do empirismo lógico para o desenvolvimento da lógica e da teoria das ciências" (1971:93).

Quanto à dialética, Piaget a divide em duas correntes contemporâneas: "Uma a que chamaremos de dialética imanente ou metodológica e a outra mais geral ou filosófica". A primeira é considerada como um "esforço epistemológico" para analisar os métodos de interpretação da realidade dos fatos pelas diferentes ciências. Identifica Pavlov como o precursor da

dialética soviética e suas teorias psicogenéticas como representante desta primeira corrente. A outra, mais geral, é apresentada tendo como precursores Kant e Hegel, pois estabeleceram os fundamentos gerais das ciências.

A fenomenologia de Husserl é apresentada por Piaget com certo descrédito, pois não considera possível atribuir à filosofia o caráter metodológico para as ciências. Esta corrente pretende, segundo Piaget, traçar as fronteiras entre as ciências empírico-formais e hermenêuticas, o que não resolve os problemas epistemológicos colocados pelas ciências do homem. Piaget faz críticas a Husserl dizendo que ele

"atacou certa psicologia empirista e associacionista, que era a dos princípios deste século, e mostrou, com razão, as suas insuficiências. Mas, em vez de trabalhar para a corrigir e aperfeiçoar, admitiu-a como tal e quis simplesmente (sic!) traçar-lhe fronteiras, de maneira a construir para além destas uma outra forma de conhecimento, que resultaria apenas das intenções, dos significados e das intuições" (1971:101) <sup>1</sup>.

Piaget, como já dissemos, procura mostrar que suas teorias psicogenéticas fundamentam epistemologicamente as ciências do homem, pois adotando o método histórico-crítico com bases dialéticas, pôde estabelecer os critérios científicos necessários ao desenvolvimento das ciências do homem. Em outros termos, a psicologia genética, formulada por ele, se constitui como um solo sobre o qual se edifica metodologicamente o conhecimento científico da realidade humana. Sua concepção

---

1. Também é necessário explicitar que não entraremos no mérito das críticas de Piaget à Husserl. Destacamos apenas para acompanhar sua argumentação quanto a delimitação do lugar da psicologia no conjunto das ciências do homem.

metodológica funda-se nos princípios da biologia: logo, tem os requisitos necessários para se apresentar como eixo epistemológico para as ciências humanas.

As distinções entre as ciências do homem e as ciências da natureza se fundam, para Piaget, sobre duas espécies de problemas: epistemológico, relativo ao sujeito; e metodológico, relativo ao objeto.

Quanto ao primeiro, o sujeito não pode ser concebido como uma entidade portadora de uma essência. Estabelecer a oposição entre sujeito e a natureza é, para Piaget, manter-se preso às questões ontológicas, próprias da metafísica, prisioneira da idéia de um sujeito egocêntrico. A ciência, desde Darwin, concebe o sujeito como uma espécie em evolução. Os sujeitos são formados, desenvolvem-se segundo estados de maturação biológica e afirmam-se em sua complexidade pelo alto grau de desenvolvimento das condições necessárias para garantir a sobrevivência.

A segunda esfera dos problemas, os metodológicos, só podem ser compreendidos a partir de um "intercâmbio dos métodos", pois existem "zonas de ligação" entre os objetos. Piaget exemplifica dizendo que o desenvolvimento das teorias genéticas dependem cada vez mais do desenvolvimento cada vez maior da cibernética, e com isto, as possíveis fronteiras entre as ciências vão sendo eliminadas. Através de um intercâmbio entre os métodos, Piaget afirma que será possível verificar que as ciências se relacionam de forma circular: "Esta circularidade é, aliás, de grande interesse para a epistemologia das ciências do

homem, porque decorre do círculo fundamental que caracteriza as interações do sujeito e do objeto"(1971:118).

O sistema das ciências se fecha com as ciências do homem, que partindo das conquistas realizadas pelas ciências da natureza, através do método experimental, formulado desde o século XVII chegando ao século XX adicionado dos elementos da lógica matemática e criou as possibilidades de existência de um conhecimento objetivo dos homens, seres mais complexos do universo. "Na sua totalidade, o sistema das ciências insere-se numa espiral sem fim, cuja circularidade nada tem de vicioso, exprimindo antes, na sua forma mais geral, a dialética do sujeito e do objeto" (Piaget:119).

Aquilo que Comte fez de forma linear, ordenando as ciências segundo a sua complexidade crescente e a sua generalidade decrescente, Piaget se encarregou de realizar de forma circular. Na época de Comte, afirma Piaget, a lógica simbólica moderna não havia sido ainda constituída, por isso Comte não poderia ter tido outra concepção. Para Piaget, o marco que distingue o seu sistema geral das ciências e o de Comte está na elaboração teórica da psicologia genética. O sistema de Piaget é assim descrito: matemáticas, ciências físicas, ciências biológicas, psicologia e, finalmente ciências sociais e suas interdependências.

O sujeito humano, tema das questões epistemológicas, é situado por Piaget no centro do sistema, pois é ele quem constrói o intercâmbio entre os diferentes níveis circulares do conhecimento, ele é o promotor da interdisciplinaridade. O sujeito epistêmico é circular e, como

tal, procura integrar os conhecimentos que constrói nesta circularidade, estabelecendo-se numa dialética com os objetos.

Piaget tem uma visão teleológica de sujeito, pois afirma-o como meta final de todo conhecimento científico:

"Se colocarmos o sujeito humano na verdadeira posição, que é, ao mesmo tempo, a duma meta final, na perspectiva do objeto físico e biológico, e a dum ponto de partida criador, na perspectiva da ação e do pensamento, só as ciências do homem tornam intelegível o fecho, ou antes, a coerência interna deste círculo das ciências" (1971:119).

Se em Comte as ciências do homem não poderiam existir (pois o sujeito não poderia conhecer a si mesmo, convertendo-se em objeto), Piaget colocou a psicologia como eixo para a constituição das ciências do homem, na medida em que descentraliza o sujeito, libertando-o da metafísica, para afirmá-lo como um sujeito epistêmico, meta final do conhecimento físico-biológico e ponto de partida para a construção metodológica deste conhecimento.

## 2.2 - A PSICOLOGIA COMO FUNDAMENTO DAS CIENCIAS DO HOMEM

Pretendemos analisar o estatuto dado à psicologia por Piaget a partir dos argumentos recortados da sua posição epistemológica e de seu sistema geral das ciências, denominado de "Círculo das Ciências". Partiremos da posição assumida pelo autor quanto ao registro histórico da psicologia, para compreender seu projeto de estabelecer a psicologia como eixo para as demais ciências.

Sabemos que Piaget identificou seus trabalhos como epistemologia genética inserindo-os nas pesquisas psicológicas sobre o desenvolvimento da inteligência. A investigação dos pressupostos das ciências está circunscrita dentro de suas teorias psicogenéticas. Isto porque a ciência é o resultado da relação do homem com o mundo natural e social. Conhecer a ciência, fazer epistemologia, é conhecer como o homem conhece. A teoria do conhecimento é reduzida a uma epistemologia genética, assim a psicologia é apresentada como fundamento da própria epistemologia e da ciência mesma.

Afirmar o homem como sujeito epistêmico é condição primeira para pensar os pressupostos do conhecimento científico. Os argumentos de Piaget procuram demonstrar que esta é uma questão a priori, da qual somente os estudos psicogenéticos

conseguiram dar conta. O empirismo lógico, o estruturalismo, a fenomenologia, não explicaram a gênese do conhecimento. Por gênese entende-se o processo de desenvolvimento evolutivo da capacidade de pensar sobre os objetos que circundam os humanos. Portanto, a psicologia genética assume a dianteira da discussão epistemológica, na medida em que busca explicar o processo evolutivo do conhecimento, que sendo produzido historicamente pelo homem, irá progressivamente se constituindo em forma de espiral ascendente. No projeto piagetiano, a ontogênese explica e fundamenta a filogênese.

O sistema geral das ciências é portanto o passo seguinte na pesquisa de Piaget, pelo reconhecimento de que todas as questões epistemológicas e metodológicas estão circunscritas na teoria psicogenética. E por isso que Piaget denomina seus estudos como sendo de epistemologia genética e procura estabelecer uma identidade entre psicologia e epistemologia. A psicologia é concebida por Piaget como uma epistemologia das ciências.

Piaget, como já demonstramos, incluiu a psicologia na categoria das ciências nomotéticas, e somente estas podem ser consideradas ciências, pois seus métodos obedecem aos critérios de validação de suas teorias e encontram seus fundamentos no método experimental, primeiramente utilizados no estudo dos fenômenos naturais.

A psicologia, para se constituir como ciência, teve de romper com a filosofia. Saindo do estado pré-científico, a psicologia foi sendo descentralizada do estudo do psiquismo, ou

da alma, seu equivalente, para afirmar-se como estudo do comportamento. Afastando-se do método introspectivo e adotando o método experimental, a psicologia foi aos poucos recebendo seu estatuto de ciência. Piaget assim descreve esta passagem:

"Por um longo caminho em que intervieram comparações sistemáticas entre o normal e o patológico, entre o adulto e a criança e entre o homem e o animal, o ponto de vista geral que acabou por prevalecer na psicologia científica foi o de que a consciência só pode compreender-se na sua inserção no conjunto da 'conduta', o que supõe então os métodos de observação e de experimentação" (1971:38).

Darwin é, para Piaget, um dos fundadores da psicologia científica. Seus estudos sobre as expressões das emoções, que vinculam a vida mental e o comportamento às condições orgânicas, contribuíram decisivamente para o estatuto científico da psicologia. A influência das teorias darwinistas na constituição da psicologia científica aparecerá nos principais autores do final do século XIX, especificamente Wundt e Freud. Os estudos sobre a formação das estruturas mentais e o campo das percepções fundamentaram-se nas teorias fisiológicas do período.

Piaget afirma como dificuldade epistemológica central das ciências do homem a identidade que se estabelece entre sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido. Sendo sujeito, o homem converteu-se em objeto para as ciências do homem e, assim, a questão do método se impõe. Como o homem sujeito pode conhecer a si mesmo, convertendo-se em objeto a ser conhecido? Neste ponto, o autor irá discutir a impossibilidade do método introspectivo para a construção do conhecimento científico e afirmar a psicologia sobre as bases metodológicas das ciências naturais, especificamente a fisiologia.

Retomando a posição de Comte quanto ao método introspectivo, Piaget denunciara a visão romântica sobre o homem que está presente nos autores que trabalham com uma idéia de sujeito centralizado. Sob o aspecto cognitivo, esta visão romântica

"centra-se nos resultados exteriores da ação e não fornece informações suficientes sobre os mecanismos desta ação nem, em geral, sobre os mecanismos internos da vida mental. Sob o aspecto afetivo, ela tem como função essencial a de constituir e manter certas valorizações úteis ao equilíbrio interior e não a de nos informar acerca das leis deste equilíbrio" (1971:56).

Descentralizar o sujeito é levá-lo à posição de objeto a ser conhecido a partir de um referencial metodológico que assegure a objetividade das proposições para a constituição de uma ciência do homem.

A solução para romper com esta visão romântica encontra-se em banir a introspecção através de afirmação de um objeto para a psicologia, fundado num método que dê conta de garantir ao conhecimento seu estatuto de ciência. Piaget reconhece que a psicologia, ao definir o comportamento como objeto de estudo, deu um salto qualitativo para a constituição de uma ciência do homem, mas restringir-se ao comportamento não garantiu à psicologia o estatuto de ciência do homem, pois seus fundadores procuraram inseri-la no conjunto das ciências da natureza.

Piaget definiu um lugar para a psicologia: ser o eixo das ciências do homem. Com isto, afasta-se da vertente behaviorista por duas razões complementares: a primeira, consiste

na definição da consciência como uma "caixa negra", pois é necessário saber o que tem dentro e como ela opera; a segunda, atribuir um caráter subjetivo às questões da consciência é renunciar à possibilidade de conhecer os fatores de sua constituição.

Portanto, após ter criticado a introspecção, reconhecendo a importância dos estudos do comportamento para a psicologia tornar-se uma ciência de fato, Piaget retoma sua terceira via, para resolver o problema epistemológico das ciências do homem. O estudo dos fenômenos da consciência só podem ser realizados numa perspectiva científica se tomarmos tais fenômenos como passíveis de verificação empírica. O método científico (ou de experimentação) aplica-se ao estudo da consciência, descentralizando o sujeito.

A psicologia científica insere-se dentro de um referencial metodológico que toma a experimentação como critério de verdade. Piaget discute os problemas da experimentação em psicologia para afirmar a necessidade de justificar as teorias psicológicas numa determinada concepção de sujeito. Aqui os recursos são suas teorias sobre o desenvolvimento da inteligência, capazes de dar o suporte necessário para a solução dos problemas epistemológicos suscitados pela psicologia.

A consciência pode ser estudada cientificamente, pois os métodos da experimentação podem ser aplicados aos fatos observáveis do desenvolvimento das capacidades cognitivas, isto porque a consciência é concebida como um processo estrutural de assimilação. Medir o desenvolvimento deste processo é a tarefa da

psicologia genética e é ela quem fornecerá os recursos para as demais ciências do homem.

Cavalgando sobre a história do sujeito, Piaget descobre que o processo do conhecimento obedece os mesmos princípios de maturação biológica. Sua psicologia genética estruturou as fases do desenvolvimento da inteligência como fator adaptativo e formador de habilidades cognitivas. Para Piaget nós conhecemos o mundo da mesma forma que nossos órgãos dos sentidos são treinados em habilidades adaptativas. As fases do conhecimento são análogas às fases de maturação fisiológica. E sempre sobre as estruturas biológicas que o conhecimento psicológico deve ser compreendido. Com isso, nosso autor apresentou suas credenciais de cientista e possibilitou à psicologia entrar no castelo encantado das ciências.

A atividade científica se funda na produção de conhecimentos passíveis de mensuração e controle. Ao psicólogo compete explicitar aos cientistas como se realiza a estruturação cognitiva daquele que conhece. Piaget portanto, como já ascenamos no capítulo sobre Foucault, elaborou uma psicologia do conhecimento que se propõe fundar uma epistemologia para as ciências.

### III- AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO ENDEREÇO DA PSICOLOGIA

#### 1. CRÍTICA A ABORDAGEM NATURALISTA

Num de seus cursos no Collège de France no início da década de 50, Maurice Merleau-Ponty abordou o tema da crise das ciências para apresentar aos seus alunos as contribuições da fenomenologia, os impasses criados pelas críticas ao reducionismo positivista:

"Desde seus primórdios, a fenomenologia se apresentou como uma tentativa para resolver um problema que se punha desde 1900 para todo o mundo e que ainda hoje é colocado. O esforço filosófico de Husserl, destinou-se a resolver, simultaneamente, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências simplesmente, da qual ainda não escapamos" (1973:15).

O embate da crise das ciências humanas atinge os pressupostos daquelas disciplinas que se edificaram no solo próprio de cientificidade: psicologia, sociologia, antropologia. Husserl procurou criar um método que permitisse pensar tanto a interioridade quanto a exterioridade de tal forma que o esforço fenomenológico consistiu numa

"vontade dupla de coligir todas as experiências concretas do homem, e não somente suas experiências de conhecimento, como ainda suas experiências de vida, de civilização, tais como se apresentam na história, e de encontrar, ao mesmo tempo, neste decorrer dos fatos, uma ordem espontânea, um sentido, uma verdade intrínseca, uma orientação tal que o desenvolver-se dos acontecimentos não apareça como simples sucessão" (Merleau-Ponty, 1973:26).

Ora, temos assim esboçado um cenário para uma nova forma de pensar a psicologia. Como ciência do sentido íntimo, a psicologia deve voltar-se para as experiências concretas do homem percebidas numa dimensão espacial e temporal, onde a construção do sentido só é possível pela afirmação de uma consciência encarnada.

Para Merleau-Ponty a *Gestalttheorie*, também chamada de psicologia da forma, teria realizado o projeto de Husserl, pois sendo uma síntese entre a psicologia empírica e a psicologia introspectiva apresenta-se como a única possibilidade da psicologia realizar-se como estudo da consciência intencional:

"A Gestalt é uma psicologia onde tudo tem um sentido; não há fenômeno psíquico que não seja orientado para uma certa significação. Neste sentido, é uma psicologia fundada sobre a idéia de intencionalidade" (1973:55).

Sendo a *Gestalttheorie*, a expressão da psicologia fenomenológica, qual o sentido ainda hoje de buscar uma definição das contribuições da fenomenologia à psicologia? Onde podemos inserir o projeto de uma psicologia científico-humana proposto e desenvolvido por Amedeo Giorgi?

No início dos anos 70, surge nos EUA um movimento que se propunha apresentar uma metodologia para a pesquisa psicológica, tomando como base os princípios da fenomenologia de

Edmund Husserl. Seu objetivo era apresentar alternativas para a psicologia dominante nos EUA, ou seja, a psicologia experimental em sua corrente behaviorista.

Amedeo Giorgi, publica em 1970 sua obra *A psicologia como ciência humana - uma abordagem de base fenomenológica*, para corrigir o "atraso cultural" das pesquisas psicológicas. Sua proposta nesta obra é aproximar a psicologia da filosofia através de um recurso metodológico, que pudesse ampliar a concepção dominante na pesquisa em psicologia. Para tanto, Giorgi procurou inserir na discussão epistemológica sobre os critérios de cientificidade da psicologia o paradigma humano demarcando os limites da psicologia entendida como ciência natural.

Em que consiste esse atraso cultural da psicologia? "O erro da psicologia não se deve ao fato de que ela adota uma abordagem científico-natural, mas ao fato de ter adotado uma atitude científico-natural obsoleta" (Giorgi, 1978:121). Qual a diferença que Giorgi estabelece entre abordagem e atitude? Por que construir um paradigma psicológico científico-humano para se contrapor aos critérios científicos adotados pelos psicólogos do final do século XIX? Como afirmar uma nova abordagem (fenomenológica) para a psicologia, realizando a crítica da atitude e não da abordagem?

Nosso objetivo é mapear as distinções entre atitude e abordagem realizada por Giorgi e mostrar que, embora critique a adoção do método científico-natural em psicologia, irá construir um método científico-humano ainda ancorado na mesma abordagem científica.

científico para a psicologia poder afirmar-se como ciência humana. Tomando a vertente fenomenológica como abordagem, citando duas obras de Edmund Husserl, **Meditações Cartesianas e Idéias Diretrizes**, Giorgi procurou romper com sua formação behaviorista e criou um movimento que chegou ao Brasil com o adjetivo de pesquisa qualitativa.

As idéias de Giorgi influenciaram psicólogos descontentes com sua formação experimental, que procuravam alternativas para a pesquisa psicológica. O dualismo metodológico entre pesquisa quantitativa, identificada com a vertente positivista do behaviorismo e pesquisa qualitativa, identificada com a vertente fenomenológica, implantou-se nos cursos de pós-graduação em psicologia educacional. A discussão epistemológica restringiu-se à esfera das questões metodológicas da pesquisa. Os trabalhos denominados de psicologia fenomenológica, fundamentaram-se nos critérios metodológicos estruturados por Giorgi<sup>1</sup>.

Inserindo seu trabalho dentro do movimento chamado de "Terceira Força", Giorgi pretende demarcar os pressupostos de

-----

1. Embora Giorgi tenha influenciado um grupo significativo de pesquisadores brasileiros da área de psicologia educacional e educação física, seus trabalhos ainda não receberam tradução para nossa língua. Com exceção da obra por nós analisada, que se encontra esgotada há anos, outros trabalhos de Giorgi circulam entre pesquisadores com traduções de sala-de-aula. Ver por exemplo, "Concerning the Possibility of Phenomenological Psychological Research", publicado no Journal of Phenomenological Psychology, vol.14, n.2 e Phenomenology and Psychological Research, publicado pela Duquesne University Press, Pittsburgh, Pa, 1985. Giorgi assina a autoria do Prefácio e do primeiro capítulo. O restante da obra é assinado por seus colaboradores. Aproveito para registrar meus agradecimentos à Profa. Dra. Márcia Regina F. Brito por apresentar-me o material citado.

cientificidade da Psicologia a partir de seu surgimento no século XIX, e assim, estabelecer novas bases para a psicologia. Tal movimento procurou construir critérios metodológicos para que a psicologia pudesse receber o estatuto de ciência humana, fazendo a crítica de diferentes "atitudes", como caracterizou Giorgi, que definiam a psicologia como ciência natural.

Giorgi apresenta sua obra como inserida neste movimento, na qual irá filiar-se à fenomenologia, procurando assim, desvincular-se dos paradigmas positivistas nos quais foi formado. A obra reflete a nova posição do autor, pois de um lado mapeia as diferentes teorias da psicologia entendida como ciência natural, e, de outro, através da fenomenologia husserliana, defende uma nova abordagem da psicologia para apresentá-la como ciência humana.

Resgatando a temática do registro histórico da psicologia como ciência em 1879, Giorgi aceita o argumento de Boring de que a psicologia surgiu com a criação do primeiro laboratório em Leipzig por Wundt. Este registro determinou uma série de problemas metodológicos que são apresentados pelo autor ao traçar uma história da psicologia desde os fundadores até o presente (início da década de 70).

Para Canguilhem (1977:11-27) há três razões para se fazer a história de uma disciplina: a) uma histórica, extrínseca à ciência; b) outra científica, realizada pelos cientistas enquanto pesquisadores; c) e a propriamente filosófica, epistemológica enquanto análise dos pressupostos e finalidades. A obra de Giorgi situa-se na segunda razão apontada

por Canguilhem. Como psicólogo, reconhecido em seu território como cientista, Giorgi analisa o percurso histórico da psicologia como um pesquisador da área específica e suas referências se ancoram em seus pares. Não há contextualização filosófica, ou epistemológica para ser mais preciso. Seu percurso restringi-se ao campo da psicologia, bem diferente do que nos propôs Canguilhem.

Todo conhecimento científico é definido por seu objeto de estudo e por seu método de pesquisa. Na delimitação de um objeto está contido o referencial metodológico através do qual se faz o corte no real. Não podemos conhecer aquilo que não cabe no referencial metodológico. A psicologia, para tornar-se uma ciência, teve de demarcar seu objeto de estudo, o qual tornou-se passível de mensuração e controle. Giorgi reconhece que a psicologia "tomou da ciência os seus métodos e técnicas já testados, como respostas aos seus problemas metodológicos" (1978:25).

Se o registro da psicologia como ciência data da criação do primeiro laboratório (Leipzig, 1879), é curioso notar que são as condições laboratoriais que definem o registro de ciência para a psicologia. Isto nos leva à conclusão de que a psicologia só tornou-se uma ciência quando encontrou um objeto que coubesse dentro dos critérios experimentais. Pois qual a função de um laboratório, a não ser fazer experiências controlando ao máximo as variáveis intervenientes?

Henneman (1983:16) afirma que o status da psicologia como ciência natural, na forma de um laboratório experimental, foi consequência de três desenvolvimentos : 1o.- a

filosofia empirista, que determinou o estatuto de cientificidade nos séculos XVII e XVIII; 2o.- o surgimento da fisiologia na primeira metade do século XIX, especificamente quanto ao estudo dos órgãos dos sentidos, nervos e cérebro; 3o.- combinação feita por Wundt entre a indagação filosófica e a investigação experimental, também chamada de psicofísica.

Para abordar a relação entre psicologia e ciência, Giorgi parte da ruptura que o registro da psicologia estabeleceu com a filosofia no final do século XIX e afirma que é necessário traçar a história da psicologia para compreender os fatores de tal ruptura e que a maioria só foi conquistada pela adequação do objeto de estudo com o estatuto metodológico. Assim, a psicologia procurou atrelar-se às ciências naturais porque estas tinham seu estatuto definido.

Fundamentado no empirismo do século XVIII, o homem é concebido como um ser de sensações e percepção, pois através do estudo da percepção pode-se caracterizar as sensações em seu aspecto neurofisiológico. Vários experimentos foram realizados neste período para determinar a maneira pela qual os órgãos dos sentidos reagiam às estimulações. Dado determinado estímulo, poder-se-iam verificar as alterações neuromusculares e chegar a inferências quanto à frequência e alterações.

Henneman mostra que a frenologia, espécie de topografia do cérebro, contribuiu muito para o aparecimento da psicologia, pois tal teoria procurava enfatizar a natureza da atividade nervosa e mensurar as variações desta atividade à luz dos estímulos oferecidos às sensações. O célebre físico e fisiólogo

alemão Hermann Von Helmholtz, nos seus estudos sobre a visão e a audição, é alçado à posição de pilar da psicologia. Desta forma, o conhecimento e a metodologia de laboratório dos fisiólogos dos sentidos foram essenciais para Wundt planejar o primeiro laboratório de psicologia.

Giorgi analisa a situação da psicologia nos EUA antes de 1900 e apresenta William James como o precursor desta discussão que ocorria na Alemanha: "Apesar de definir a Psicologia como sendo a ciência da vida mental tanto em seus fenômenos quanto em suas condições, James não deixa dúvida alguma de que por ciência ele entendia ciência natural" (1978:25).

Analisando o desenvolvimento histórico da psicologia americana, Giorgi caracteriza três fatores: o surgimento do ensino de psicologia nos Centros de Pesquisas Experimentais, no período que antecede a primeira guerra mundial; o surgimento da psicologia comportamental, tendo Watson definido a psicologia como ciência natural do comportamento, no período que antecede a segunda guerra mundial; e os problemas metodológicos surgidos no pós-guerra: mensuração e controle, objetividade e neutralidade etc.

Citando Kimble e Garnezy em seus **Principles of General Psychology** editado em 1963, Giorgi resume os desafios históricos da psicologia para tornar-se uma ciência: "O objetivo geral ... é desenvolver a idéia de que a Psicologia é um ramo da Ciência Natural... mostraremos que o comportamento humano e animal pode ser descrito objetivamente, manipulado, controlado e estudado da mesma forma que os outros eventos naturais"(1978:30). As referências aos métodos das ciências naturais como critério para

a psicologia se constituir como ciência do comportamento é constante nos autores citados por Giorgi. O estatuto de cientificidade definido no século passado possibilitou à psicologia adequar-se aos padrões metodológicos, definindo o comportamento como objeto de pesquisa. Assim, a construção do objeto estava determinada pela adoção do método experimental. Foi a adoção do método das ciências naturais que permitiu aos psicólogos definirem seu objeto de pesquisa: o comportamento.

Giorgi, por outro lado, passa em revista os fundadores da psicologia entendida como ciência humana. Identifica Dilthey como precursor dos críticos da abordagem naturalista em psicologia. As ciências humanas deveriam se constituir a partir da psicologia, pois ela daria os elementos necessários para a compreensão da realidade humana.

Fundamentado na distinção entre juízos de fatos e juízos de valores, Dilthey irá estabelecer dois eixos para as ciências na segunda metade do século XIX: as ciências da natureza, que procuram explicar as leis que regem os fenômenos físicos através de métodos experimentais, e as ciências do espírito, que procuram compreender os sistemas de valores nos quais os humanos estão inseridos.

A distinção entre explicação e compreensão será o eixo da argumentação de Giorgi na construção de seu paradigma científico-humano para a psicologia. Mostrando a relevância das idéias de Dilthey, Giorgi procurou elaborar um referencial metodológico que fizesse jus à distinção entre ciências da natureza e ciências do espírito, aqui denominada como humana.

As conclusões que o autor extrai de sua breve história da psicologia, entendida tanto como uma ciência natural, quanto como uma ciência humana, leva-o a uma análise das relações entre a psicologia e ciência. Os problemas epistemológicos da psicologia não podem ser justificados pelo critério de anciandade: não é pelo fato de ser a psicologia uma "ciência jovem" que seus problemas teóricos e metodológicos existem. Os filósofos, vem indicando há algum tempo fraquezas no terreno ou marco de referência da psicologia e é necessário resgatar as críticas feitas pelos filósofos para que a psicologia possa construir um outro paradigma de ciência. Giorgi cita Kockelmans, Husserl, Sartre e Wittgenstein, para demonstrar que a psicologia sofre de uma confusão conceitual e de marcos de referência.

"Se existe tal confusão conceitual no que concerne ao marco de referência ou objeto de estudo da psicologia, como podemos estar tão seguros dos métodos experimentais que temos usado? Nossa resposta é a de que não podemos e, se o marco de referência e os conceitos básicos da psicologia precisam ser mudados, então seus métodos e conteúdo precisam ser igualmente reavaliados" (Giorgi, 1978:54).

Isto posto, Giorgi explicita sua proposta: rever os pressupostos da psicologia, seus marcos de referência, a partir de seus métodos de pesquisa. A revisão histórica que Giorgi faz é metodológica e a solução proposta será de um novo método para fazer pesquisa em psicologia, construindo teorias que estejam fundamentadas em outro referencial: uma abordagem metodológica de base fenomenológica. A fenomenologia é assumida por Giorgi como um recurso metodológico para romper com as referências das ciências naturais, que determinaram a história da psicologia até o presente.

Discutindo as críticas contemporâneas ao registro da psicologia como ciência, Giorgi deixa claras suas intenções: "A nossa radicalidade consiste em trocar o adjetivo natural, pelo adjetivo humano, de tal forma que a psicologia se torne uma ciência humana" (1978:96). Trocar o adjetivo é para o autor mudar de método, mas qual seria o método das ciências humanas? Mais especificamente, se as teorias psicológicas, construídas a partir do método experimental tomado de empréstimo às ciências naturais, são adjetivadas de ciência, como adjetivar também de ciência teorias construídas com outro método, que não o experimental? Mudar o adjetivo é mudar de objeto de estudo? Mudar o objeto é mudar de método?

Uma investigação, sobre os fundamentos da psicologia remete-nos à sua *demarche* como ciência, pois ela esteve sempre ligada à filosofia e à literatura antes de receber o registro de ciência. A psiquê sempre foi tema de grande expressão em toda história do pensamento da cultura ocidental, desde os mitos greco-romanos sobre Eros e Psique por exemplo, passando pelos teólogos medievais e pelos clássicos da literatura moderna, Dante, Shakespeare, Voltaire, Rousseau, Dostoievski, Flaubert etc. Somente no final do século XIX, a psicologia buscou sua identidade de ciência nos estatutos metodológicos das ciências naturais. Definindo o comportamento como objeto de estudo, a partir de sua estruturação orgânica, estabelecendo, assim, analogias fisiológicas entre o comportamento dos animais e o dos humanos.

Giorgi afirma a necessidade de um diálogo entre a

psicologia e a filosofia para estabelecer um marco referencial para sua constituição como ciência humana. "A filosofia é precisamente a disciplina que se preocupa com visões-do-mundo amplas e com marcos de referência adequados, e não é surpresa que a psicologia tenha sido fraca precisamente nessas áreas durante sua fase de rejeição explícita da filosofia" (1978:98). É preciso que a psicologia procure seus fundamentos na filosofia. O autor defende um retorno da psicologia ao campo próprio da reflexão filosófica.

Para argumentar tal retorno, Giorgi apresenta os motivos que inviabilizaram a psicologia por se ancorar nas ciências naturais:

1o.) a concepção científico-natural de psicologia apresenta uma visão fragmentada do homem e não o apreende em sua totalidade;

2o.) ao filiar-se ao estatuto de cientificidade das ciências naturais, a psicologia afastou-se da filosofia e perdeu-se do sentido do humano;

3o.) a impossibilidade de experimentação dos assuntos humanos: "A significação de um fenômeno para o homem não pode ser determinada por técnicas de medida" ;

4o.) a necessária mudança de atitude para a construção de uma nova abordagem resulta da "introdução da distinção entre os objetivos da ciência e os métodos pelos quais esses objetivos são atingidos";

5o.) tal mudança só poderá ocorrer se os psicólogos forem capazes de romper com a suposição de um observador independente: "Quando se quer enfrentar uma psicologia em nível

humano, não é possível ignorar as relações entre sujeitos e experimentador".

Como conclusão, Giorgi propõe incluir o termo "empírico" no conceito diretor de seu projeto:

"Assim, estamos dizendo que concebemos o nosso projeto nas linhas de uma ciência humana empírica e que para executá-lo é necessário uma atitude fundamentalmente diferente por parte dos psicólogos... o objetivo fundamental deste trabalho é tentar articular como a psicologia concebida como ciência humana empírica pode ser estabelecida e praticada... como lidar com problemas que são significativos para os seres humanos, de uma forma científica" (1978:101).

É na filosofia fenomenológica que o autor irá buscar a nova abordagem para a psicologia e nela encontrará elementos para a construção de um novo método de pesquisa: o método qualitativo. Desta forma, o autor supõe resolver o problema do atraso cultural da psicologia.

## 2. AMEDEO GIORGI: O ARAUTO DO METODO QUALITATIVO

Os cinco argumentos acima expostos para justificar o retorno da psicologia à filosofia serão analisados a partir da inclusão que Giorgi faz do conceito de abordagem em psicologia. Como vimos, mudar de atitude é adotar uma nova abordagem. Explicitar o significado de abordagem é uma tarefa necessária à constituição do paradigma que o autor se propõe construir: "Acreditamos que apenas no nível da abordagem pode ser resolvida toda a questão de se a psicologia pode ou não ser concebida como ciência" (Giorgi, 1978:123).

O que Giorgi entende por abordagem?

"Ao estabelecer a categoria de abordagem queremos levar em consideração o próprio pesquisador no empreendimento da ciência. Queremos designar por abordagem o ponto de vista fundamental em relação ao homem e ao mundo que o cientista traz, ou adota, com respeito ao seu trabalho como cientista, seja tal ponto de vista explícito ou implícito" (Giorgi, 1978:124).

Determinar o lugar do discurso do cientista, sua localização epistemológica, sua posição filosófica, seu ideal de homem e sociedade, seus valores. Abordagem é, para Giorgi, o lugar teórico que precede a escolha do método de pesquisa, isto porque, o método implica determinada abordagem.

Como Giorgi pretende criar \* referenciais

metodológicos para a psicologia ser concebida como ciência humana, e necessário determinar que abordagem irá fundamentar tal método. Aqui o autor apresentará as categorias fundamentais da fenomenologia husserliana sobre mundo-vivido como sendo "a presença imediata do homem à realidade, ou aquele mundo no qual a vida cotidiana se desenrola ... o mundo tal como o encontramos na experiência cotidiana, o mundo no qual buscamos nossas metas e nossos objetivos, o mundo como cenário de todas as nossas atividades humanas" (1978:130), mas também anterior a toda e qualquer reflexão.

O significado de mundo-vivido é assumido por Giorgi como o fenômeno de base para a ciência humana, seu objeto de pesquisa. Isto repercute no grande problema da fenomenologia: ao debruçar-se sobre o mundo-vivido, o filósofo o transforma em mundo percebido, isto é, passa de coisa à percepção.

Fundamentando-se em Merleau-Ponty, Giorgi faz a distinção entre universo e mundo:

"O universo é uma noção ou uma idéia, isto é, uma totalidade completa e explícita, na qual as relações são aquelas de determinação recíproca... o mundo, contudo, é a multiplicidade aberta e indefinida de relações que têm implicação recíproca" (Giorgi, 1978:133).

A distinção entre a idéia de universo e a experiência de mundo, possibilitará ao autor defender o mundo-vivido como terreno ou fundação de todo o resto do nosso conhecimento.

O objeto de estudo para a psicologia entendida como ciência humana deve ser, portanto, o mundo-vivido, o campo de significação humana:

"A questão principal é que precisamos voltar-nos para o mundo-vivido, a fim de descobrir as origens dos fenômenos psicológicos, os quais precisam primeiro ser descritos, e então é preciso formular questões significativas concernentes a esses fenômenos, mas desta vez, de uma forma científico-humana e não de uma forma científico-natural" (Giorgi, 1978:138).

O objeto é formatado pelo método de pesquisa, mudar a forma implica construir um objeto que não seja o mesmo construído pelo método experimental que Giorgi identifica como abordagem científico-natural.

O termo científico permanece em ambas abordagens -natural e humana-, o que deverá se modificar é o registro do objeto e a forma de abordá-lo, ou seja, seus critérios metodológicos.

Os fenômenos psicológicos são aqueles que se configuram como intencionalidade das ações humanas no mundo regido por relações de significações intersubjetivas. O psicólogo -cientista humano- deverá tomar como tarefa a compreensão dos fenômenos em sua significação. Sua preocupação deve ser pela compreensão adequada das origens dos fenômenos psicológicos. Assim, é possível fazer ciência ocupando-se daquilo que constitui o humano: a intencionalidade da consciência. Giorgi considera a consciência como o espaço de significação do mundo-vivido e este deve ser o objeto de estudo para os psicólogos:

"A psicologia precisa retornar ao nível fenomênico, a fim de lá redescobrir como o mundo aparece para o homem, e então aprender como formular uma pergunta a respeito dessa aparência, a qual ajudará na compreensão de como o homem experimenta o mundo e se comporta nele e com respeito a ele" (1978:146).

A mudança de abordagem se faz necessária para a

elaboração de uma psicologia concebida como ciência humana, pois o homem é um ser humano. O atributo humano é sempre um construto cultural; é no conjunto das relações culturais que o homem adquire o sentido e a significação de sua existência. O mundo-vivido não é aquele da atitude natural que as ciências naturais procuraram atrelar ao homem. O homem é um ser de cultura e é a este ser que a psicologia deve voltar-se, pois este é o caráter universal do homem. A universalidade do homem é ser humano, ser de cultura, aquele que atribui sentido, que constrói valor num espaço vazio de significação que é o mundo da natureza.

O objeto de estudo da psicologia, entendida como uma ciência humana, deve ser a relação entre intencionalidade e significado:

"A disciplina que possa articular mais precisamente a relação entre intencionalidade e significado estará prestando um grande serviço para aqueles interessados em comportamento humano. Sentimo-nos confiantes de que tal tarefa possa ajustar-se bem no marco de referência da psicologia concebida como uma ciência humana" (Giorgi, 1978:152).

Giorgi define significado como sinais da intencionalidade, e como sinais, podem ser estudados cientificamente, desde que se tenha um método capaz de apreender o significado. Esta é sua intenção: construir referenciais metodológicos para estudar o comportamento humano buscando uma compreensão das intenções através do significado. Mas, como compreender a intenção, se ela é apenas um "voltar-se da consciência para a coisa"? A intencionalidade pode ser apenas percebida, isto porque ela é o próprio sujeito do significado.

Giorgi diz que "a relação entre significado e intencionalidade é uma relação complexa, mas merece ser estudada... o significado é o resultado do encontro entre o homem e o mundo, um encontro no qual ambos estão essencialmente envolvidos" (1978:152).

O comportamento é entendido a partir da fenomenologia como intencional, isto é, a ação do homem construtor de sentido que procura revestir sua existência mundana atribuindo as coisas um significado. A dimensão simbólica do comportamento se apresenta como eixo norteador para uma psicologia que queira abordar o homem em seu mundo-vivido. A psicologia deve abandonar as referências neurofisiológicas para o estudo do comportamento e adotar como princípio as referências filosóficas, especificamente a abordagem fenomenológica:

"se o comportamento compartilha das relações intencionais, e se o caminho para a compreensão da intencionalidade vem através do fenômeno de significado, é claro então que a questão relevante para compreender-se o comportamento é indagar-se a respeito do seu significado. -não de sua medida" (Giorgi, 1978:153).

E desta forma que Giorgi propõe um novo paradigma para a psicologia: "Sentimos que o paradigma dentro do qual ela vem trabalhando atingiu os limites de sua utilidade, e é tempo de encontrar um novo paradigma". Romper com a psicologia de bases naturais é assumir outro objeto de estudo: do comportamento natural ao comportamento intencional. A radicalidade na mudança implica não apenas uma postura metodológica diferente, mas em assumir outros fundamentos para a psicologia.

A distinção entre as abordagens científico-natural e científico-humana é estabelecida por Giorgi nos seguintes

termos: a primeira "é empírica, positivista, reducionista, objetiva, analítica, quantitativa, determinista, preocupada com a predição e operando grandemente dentro da tendenciosidade genética e com o pressuposto de um observador independente"; a segunda preocupa-se com

"significados, descrição, diferenças qualitativas, o processo de explicitação, a investigação de relações intencionais, a lida com fenômenos humanos, num sentido e de maneira humana, a articulação dos fenômenos da consciência e do comportamento dentro do contexto de uma concepção ampliada da natureza, e assumindo a posição privilegiada do mundo-vivido, a primazia das relações e a presença de um cientista engajado" (1978:189).

A questão dos fundamentos da psicologia recebe, assim, uma contribuição relevante no tocante ao tema das atitudes metodológicas na pesquisa contemporânea em psicologia. Diferentes pesquisadores procuram fundamentar seus trabalhos numa posição metodológica adjetivada de qualitativa ou quantitativa. A pesquisa quantitativa é aquela que se fundamenta na vertente positivista, enquanto a pesquisa qualitativa é aquela que se fundamenta na fenomenologia. Esta posição de Giorgi tem ancorado o debate sobre pesquisa em psicologia educacional entre os acadêmicos<sup>1</sup>.

A conclusão de Giorgi é a de que "o projeto de estabelecer a psicologia como uma ciência humana empírica é

-----  
1. Ver por exemplo os trabalhos de Joel Martins e Maria Ap.V. Bicudo (1989), bem como a coletânea de artigos organizado por Ivani Fazenda (1989) que converteram-se em manuais para estudantes da pós-graduação em educação. Todos ávidos de aprender a fazer pesquisa qualitativa. O Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo, que reúne grande parte de professores da PUC-SP voltados para pesquisa fenomenológica em psicologia, tem produzido vasto material publicado pela editora Moraes.

decididamente realizável". Seus escritos posteriores irão dar conta deste projeto. A obra que nos propusemos analisar apresenta as categorias de uma abordagem centrada nas idéias de Merleau-Ponty (autor mais citado na obra) para a construção de um novo paradigma para a psicologia. Giorgi desloca a psicologia das ciências naturais endereçando-a para a filosofia fenomenológica, pois encontra nesta uma crítica à redução metodológica da psicologia às ciências naturais. Falta a Giorgi uma análise do pressuposto de tal redução.

A vertente positivista, apresentada como um aspecto da abordagem científico-natural, não é analisada por Giorgi, Comte sequer é citado. Sua análise limita-se à discussão histórica da psicologia comportamental norte-americana, mas tal discussão carece de uma fundamentação filosófica.

A posição que Giorgi assume, de construtor de um novo paradigma, limita-se à esfera do campo metodológico, sem atingir os fundamentos da psicologia. Mudar o eixo metodológico da psicologia implica discutir seus fundamentos epistemológicos. Neste ponto, Giorgi não sustenta seu paradigma, pois ainda mantém-se no modelo de ciência que pretende refutar. Reduzir os problemas epistemológicos da psicologia à esfera dos critérios metodológicos é manter ainda na mesma linha dos pensadores positivistas que reduzem a epistemologia à metodologia, o conhecimento ao conhecimento científico.

Alinhar a psicologia à ciências humanas através da incorporação do paradigma humano como propõe Giorgi não resolve a questão dos fundamentos da psicologia. Merleau-Ponty diz que o

conceito de homem na fenomenologia nada tem de científico e seu esclarecimento é uma necessidade para a psicologia. A proposta de Giorgi limita-se a manter a discussão na esfera de regras metodológicas, sem explicitar os fundamentos dos conceitos sobre os quais os psicólogos tomam como dados, por isso seus escritos posteriores acabaram por revelar-se um manual de receitas técnicas para aplicar o método fenomenológico.

Fundamentar a psicologia numa nova abordagem é uma tarefa emergencial para todos aqueles que se interessam efetivamente pelos problemas humanos, mas manter a mesma atitude científica para uma nova abordagem é não realizar o salto qualitativo que Giorgi anuncia. Sua proposta é incorporar a abordagem fenomenológica em psicologia mantendo-se prisioneiro da atitude científica dos pioneiros da psicologia entendida como ciência natural. A denominação científico-natural em psicologia, Giorgi opõe o científico-humano. Como um arauto, dirige-se aos psicólogos em crise com o behaviorismo dizendo: Podemos ser cientistas também, podemos entrar no castelo encantado pela porta lateral. Temos um método de qualidade!

#### IV - A CRITICA AOS FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA

##### 1. GEORGE POLITZER: O BUFAO DO CIENTIFICISMO

A temática dos fundamentos da psicologia lança suas raízes históricas no surgimento da psicologia como ciência no final do século XIX. As análises dos critérios epistemológicos da psicologia partem desse registro histórico para desvendar seus estatutos e pressupostos. Pretendemos neste capítulo tratar da crítica aos fundamentos da psicologia, que se elabora na análise do método de pesquisa da psicologia e da constituição de seu objeto de estudo.

Georges Politzer publicou em 1928 a sua *Crítica dos Fundamentos da Psicologia*, com a sólida intenção de fundar uma psicologia concreta. Seu projeto está ancorado na teoria do inconsciente freudiano como construção de um objeto para a psicologia. Sua proposta ancora-se na discussão do método utilizado por Freud para a interpretação dos sonhos. Irá fazer a crítica da atitude naturalista de Freud que embora tenha revolucionado o campo psicológico com sua teoria do inconsciente ainda mantinha-se prisioneiro de sua formação positivista recebida na Universidade de Viena. A radicalidade de Politzer consiste em dar o salto em direção à concreticidade da vida

humana, assumindo a noção de drama como eixo norteador para estudos sobre a dimensão psíquica dos humanos.

Dois anos depois, Politzer abandona seu projeto, assume a militância no Partido Comunista Francês e passa a ensinar os princípios do materialismo histórico na Universidade Operária<sup>1</sup>, tornando-se um dos expoentes do pensamento marxista e de seus seguidores, Lenine e Stalin. Membro da resistência francesa contra o nazismo, Politzer foi preso pela Gestapo e fuzilado em maio de 1942. A trajetória intelectual de Politzer inspirou toda uma geração de intelectuais franceses durante os anos seguintes.

Nas décadas de 20 e 30, Marx, Nietzsche e Freud são lidos e comentados por pensadores franceses que os consideram os pilares de uma crítica da noção de sujeito e consciência. Sartre, Merleau-Ponty encontram em Politzer inspirações para suas críticas à psicologia científica. Lacan também terá a obra de Politzer como referência para seu retorno a Freud. Eribon (1990:45), comentando as obras que marcaram Foucault no período em que era estudante da Ecole Normale, apresenta Politzer como um modelo de militância intelectual e engajamento político. Um único exemplar da *Crítica de Politzer*, já esgotada neste período, circulava de mão em mão entre os alunos da rue d'Ulm.

---

1. As aulas de G. Politzer na Universidade Operária nos anos de 1935 e 1936 foram reunidas por G. Besse e M. Caveing e publicadas em junho de 1946 tendo recebida várias edições. Trata-se de uma introdução ao pensamento marxista aos operários franceses. Ver Princípios Fundamentais de Filosofia, São Paulo, Hemus, 1970. Pode-se encontrar também a produção filosófica de Politzer entre os anos de 1924 a 1941, reunidas em A filosofia e os mitos, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

No célebre Colóquio Bonneral sobre o Inconsciente, em outubro de 1959, Laplanche e Leclaire iniciam com uma homenagem a Politzer, afirmando que sua influência sobre o futuro da psicanálise na França não foi ainda devidamente sublinhada: "por toda uma geração, essa obra teve a função de uma verdadeira introdução à psicanálise ... dificilmente se encontraria uma introdução mais clara ao problema do inconsciente..." (1960:112). Ambos elaboram uma análise que revela os fundamentos da crítica de Politzer à psicologia e sua contribuição para trazer a discussão sobre o inconsciente a um nível filosófico.

Prado Jr. (1991) afirma que a obra de Politzer é responsável pela primeira recepção filosófica francesa da psicanálise e que a leitura de Politzer sobre a obra de Freud *A interpretação dos sonhos*, está marcada por um viés fenomenológico, onde o sentido aparece em sua concreticidade existencial.

Tendo apresentado a relevância de Politzer para um debate sobre os fundamentos da psicologia, iremos demarcar as linhas diretrizes da crítica que Politzer faz à psicologia do seu tempo, mostrando a densidade da mesma para este final de século. A crítica aos fundamentos da psicologia passa por uma análise da construção do objeto de estudo, pelos psicólogos, denominando o espaço psíquico, e o que caracteriza tal análise é sua desconstrução histórica através de um processo de identificar os fundamentos teóricos da psicologia.

Na "Introdução" de sua **Crítica**, Politzer apresenta um estilo literário que revela uma ironia e sarcasmo que incomodam profundamente o leitor familiarizado com a

psicologia clássica. Afastando qualquer possibilidade de a psicologia ser uma ciência, adotando o modelo das ciências naturais, Politzer radicaliza sua posição afirmando que a única descoberta da psicologia, digna de interesse, foi realizada por Freud com sua teoria do inconsciente.

A crítica é para Politzer o trabalho de desmontar peça por peça do edifício teórico da psicologia clássica e desvendar os seus processos constitutivos e os postulados que lhe são implícitos. A crítica deve levar-nos à execução da psicologia clássica, entendida como a de inspiração experimental. Sua proposta é resgatar o tema da construção do objeto que os psicólogos procuraram tomar como um dado. Os objetos são construídos e não são dados à experiência do pesquisador. São construtos teóricos, definidos e formatados dentro de um rigor metodológico.

Politzer (1973:15) se atribui o papel de "coveiro" da psicologia experimental. Enterrá-la é, para ele, uma tarefa necessária, pois a ciência só pode avançar sobre suas próprias ruínas. No final da década de 20, Politzer já anunciava a morte da psicologia oficial, aquela que tinha somente uns cinquenta anos de existência, e seu argumento é de que a "história da psicologia não passa de uma epopéia de desilusões ... é a história de um charco de rãs" . Os psicólogos "conseguiram entrincheirar-se numa posição cômoda" na qual se sentem abrigados dos ataques daqueles que pretendem desmascarar suas práticas científicas: "Tendo safisteito as suas necessidades científicas pela existência de aparelhos, cujo manejo é aliás estéril, e pela

obtenção de alguns dados estatísticos", pensam estar imunes às críticas sobre os fundamentos de suas teorias. Rejeitam qualquer crítica, qualificando-as de metafísicas ou filosóficas, termos sinônimos para esses pretensos cientistas.

Vejamos a descrição que Politzer faz do nascimento da psicologia científica:

"Primeiro surgiu Wundt a preconizar a psicologia 'sem alma', e começou a migração dos aparelhos dos laboratórios de fisiologia para os dos psicólogos. Que orgulho e que alegria! Os psicólogos possuem laboratórios e publicam monografias... Acabaram-se as disputas verbais: calculemos!" (1973:17).

O estatuto de cientificidade da psicologia estava dado pelo método experimental utilizado pelos físicos, os legítimos herdeiros da matemática. A psicologia é concebida como uma ciência de terceira mão, por ter recebido os instrumentos de quantificação dos fisiólogos, que os receberam dos físicos, que os receberam dos matemáticos.

Os psicólogos "chafurdam no meio de aparelhos, lançando-se ora na fisiologia, ora na química ou biologia; amontoam médias estatísticas e estão convencidos de que para conquistar a ciência, tal como para conquistar a fé, é necessário começar por ser estúpido" e arremata: "Convém compreender que os psicólogos são tão científicos quanto os selvagens são cristãos" (Politzer, 1973:21).

O movimento psicológico é descrito por Politzer como uma história de "dissolução do mito da natureza dupla do homem", isto porque "a psicologia, com efeito, encontra-se atualmente no estado em que se encontrava a filosofia no momento da elaboração da **Crítica da Razão Pura** por Kant" (1973:22). A

crítica feita por Politzer toca no cerne da questão da cientificidade da psicologia ao indicar o esforço de Watson e seus seguidores em, tornar a psicologia uma ciência positiva. Foi assim que fascinados pela noção de behaviour, os psicólogos cederam à ilusão da objetividade.

A moda do final do século XIX era fazer experiência. Mas sobre que os psicólogos iriam fazer experiência? Deveria haver algo nos humanos que pudesse ser adequado aos princípios metodológicos das ciências da natureza. Assim, os psicólogos descobriram o comportamento como resposta neurofisiológica aos estímulos do meio ambiente no qual o organismo humano está inserido. A psicologia conseguiu enfim realizar seu grande ideal: tornar-se uma ciência. Agora há um objeto passível de mensuração e controle. O comportamento deve ser estudado através do método experimental: rompem-se, assim, os laços da psicologia com o método introspectivo, caracterizado como a pré-história da psicologia científica.

## 2. A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO: O DRAMA

O objetivo de Politzer é abater a psicologia pela sua raiz e não apenas podar alguns galhos. Por raiz entenda-se aquilo mesmo que sustenta todo o discurso de cientificidade da psicologia. Ao ancorar-se nas ciências da natureza, a psicologia afastou-se do humano em sua dimensão dramática. Nosso propósito é resgatar a importância da crítica feita por Politzer aos fundamentos da psicologia científica no final da década de 20 e sua proposta de instaurar uma psicologia concreta.

Para Politzer "o termo vida designa um fato biológico, e uma vida propriamente humana, a vida dramática do homem" (1973:27). Antes de sua aspiração científica, a psicologia estava presente na literatura e no teatro, lugar onde o tema da dramaticidade da vida se constitui. Por isso nas obras de Freud as referências constantes à literatura. Shakespeare é apontado pelos historiadores da psicanálise como autor mais citado por Freud em seus trabalhos.

Que é drama? Literalmente, é um episódio comovente e patético em que o cômico se mistura com o trágico. Politzer, em nota, adverte o leitor para o sentido literal do termo, como algo dotado de concretude. A vida concreta dos humanos possui uma dimensão dramática. A psicologia deve, para Politzer, elaborar um

discurso sobre esta dimensão, pois só assim terá sentido sua existência: "Esta vida dramática apresenta todos os caracteres que fazem dela um domínio suscetível de ser estudado cientificamente. E mesmo que a psicologia não existisse, é em nome dessa possibilidade que seria necessário inventá-la" (1973:28).

Politzer caracteriza três tendências teóricas que se agrupam sob o nome de psicologia: a psicanálise, o behaviourismo e a Gestalttheorie. Todas se excluem por princípio, pois se fundamentam numa diferente concepção de homem. Afirmando a importância da Gestalt para a crítica da psicologia clássica, Politzer indica suas limitações, pois a Gestalt mantém-se presa ainda aos mesmos princípios metodológicos. A única tendência que de fato diz algo significativo sobre a dimensão psicológica dos seres humanos é a psicanálise: "É ela que nos dá a visão verdadeiramente clara dos erros da psicologia clássica, e nos mostra desde já a nova psicologia em vida e em ação" (1973:34) .

A proposta de Politzer é analisar a teoria freudiana a partir de sua descoberta fundamental: o inconsciente. Considerando Freud o Copérnico da psicologia e o Colombo do inconsciente, procura demonstrar suas limitações e superá-las com a estruturação da psicologia concreta. "A psicanálise, longe de ser um enriquecimento da psicologia clássica, é precisamente a demonstração de sua derrota" . A oposição entre a psicologia clássica e a psicanálise é assumida como ponto de partida para Politzer realizar seu projeto que deveria ser concluído em três

volumes: no primeiro (que acabou sendo o único), encontramos uma análise da teoria do inconsciente de Freud a partir do método de interpretação dos sonhos; no segundo seria apresentada uma exposição da *Gestalttheorie* com um capítulo sobre a fenomenologia; e um terceiro sobre o behaviorismo.

O projeto original de Politzer, não se realizou. O que restou deste projeto foi somente o volume sobre a psicanálise com as intenções de fundar uma psicologia concreta, que teria como objeto de estudo a dimensão dramática da vida humana.

Antes de passar a uma análise do projeto de Politzer quanto a fundamentação de uma psicologia concreta, iremos nos deter sobre sua relação com a teoria do inconsciente de Freud.

Em uma carta enviada a Frederik Van Eeden, psicopatologista holandês, em 28/12/1914, Freud apresenta a duas teses centrais formuladas pela psicanálise:

"A psicanálise inferiu dos sonhos e das parapraxias das pessoas saudáveis, bem como dos sintomas dos neuróticos, que os impulsos primitivos, selvagens e maus da humanidade não desaparecem em qualquer de seus membros individuais, mas persistem, embora num estado reprimido, no inconsciente (para empregar nossos termos técnicos) e aguardam as oportunidades para se tornarem ativos mais uma vez. Ela nos ensinou, ainda, que nosso intelecto é algo débil e dependente, um brinquedo e um instrumento de nossos instintos e afetos, e que todos nós somos compelidos a nos comportar inteligente ou estupidamente, de acordo com as ordens de nossas atitudes emocionais e resistências internas" (1974:340).

As correspondências de Freud são um arquivo inesgotável de raridades. Pode-se ler sua produção teórica através de suas

comunicações com os amigos e colaboradores. Resgato esta preciosidade para introduzir o interlocutor de Politzer.

A noção de drama de Politzer encontra-se respaldada na noção de inconsciente formulada por Freud. O que constitui a dramaticidade humana é o contante conflito que se estabelece entre os impulsos primitivos (pulsão libidinal) e os caminhos criados pela cultura para civilizar-nos. A vida humana é dramática na sua concretude, pois inseridos na vida desde o nascimento temos que nos defrontar constantemente com a tarefa de nos tornarmos humanos. Isto porque ser humano é uma exigência do processo civilizatório.

Politzer refere-se fundamentalmente à *Interpretação dos Sonhos* a obra de Freud publicada em 1900, para resgatar o tema da construção do método de associação livre e nele discutir os impasses da introspecção. Não entraremos na monumental obra de Freud que Politzer analisa, por não ser nosso objetivo na presente dissertação. No entanto, somos tentados a recuperar para nossa argumentação um artigo de Freud, escrito em 1913 a pedido do redator chefe do periódico italiano *Scientia*. Trata-se de uma descrição ampla que Freud fez das aplicações não-médicas da psicanálise intitulado **O interesse científico da psicanálise**.

O artigo é dividido em duas partes. Na primeira apresenta as contribuições da psicanálise para a psicologia. Na segunda, as contribuições da psicanálise para as ciências não psicológicas: filologia, filosofia, biologia, genética, história, estética, sociologia e pedagogia. Pretendemos apresentar os

argumentos de Freud quanto aos sonhos descritos na primeira parte do artigo.

Após analisar as parapraxias (lapsos, atos falhos) como sinais do inconsciente, Freud afirma:

"que a interpretação dos sonhos é a pedra fundamental da obra psicanalítica e que suas descobertas constituem a mais importante contribuição da psicanálise à psicologia" e que "a elaboração onírica nos compele a pressupor a existência de uma atividade psíquica inconsciente que é mais abrangente e mais importante do que a familiar atividade ligada à consciência" (1974a:204-205).

Freud extrai dessas afirmações duas teses que ao ser incorporadas pela psicologia levaria a abandonar sua pretensão à cientificidade: "a demonstração de que muitos fenômenos patológicos . que até aqui acreditou exigirem explicações fisiológicas são na realidade atos psíquicos, e a demonstração de que os processos que conduzem à consequências anormais podem ser atribuídos a forças motivadoras de origem psíquica" (1974A:207).

Atos psíquicos, realidade psíquica, origem psíquica. Freud alicerça o psiquismo nas categorias da linguagem, isto é, sua concreticidade está determinada pelos sonhos, parapraxias e sintomas de conversão. O sujeito falante enuncia seus sintomas no ato mesmo de comunicar-se, colocar-se em discurso. E assim que os sintomas são assumidos como estruturas de sentido. Interpretar o sentido produzido pelo sintoma é uma tarefa que se põe para o método psicanalítico.

E neste cenário que se apresenta a leitura de Politzer. Ao elaborar uma crítica aos fundamentos da psicologia através de uma séria discussão sobre o método psicanalítico, Politzer nos convida a refletir sobre o caminho trilhado por

Freud para construir sua teoria do inconsciente.

Passemos a uma análise do projeto de uma psicologia concreta apresentado por Politzer. Muito embora os volumes prometidos não tenham sido publicados, Politzer fundou uma revista com o objetivo de buscar aliados para seu projeto. No primeiro número da *Revue de Psychologie Concrete*, publicado em fevereiro de 1929, encontra-se um longo artigo intitulado "Psicologia mitológica e Psicologia Científica", no qual analisa o surgimento da psicologia como ciência através da adoção do estatuto epistemológico das ciências naturais.

No editorial do primeiro número da *Revue*, datado em dezembro de 1928, encontramos algumas idéias já apresentadas na introdução da *Crítica*, com uma maior elaboração do ponto de vista filosófico e histórico. A proposta da *Revue* era contribuir para a constituição da "nova psicologia" denominada de concreta:

"A nova psicologia, isto é, crítica de uma psicologia diferente da que resultou das tentativas do final do século passado e das afirmações e negações que se agruparam em torno delas, é hoje, se não uma realidade incontestável, pelo menos uma aspiração quase geral" (Politzer, 1977:61).

A construção de uma crítica da psicologia clássica e a elaboração dos fundamentos da psicologia concreta é a tarefa que Politzer se propõe a realizar, e assim procura tirar a psicologia do domínio das ciências naturais e alicerçá-la na teoria do inconsciente freudiano. A psicologia concreta, proposta por Politzer, será a síntese da oposição entre a psicologia objetiva (clássica) e a psicologia subjetiva (psicanálise). Assim, a psicologia concreta resolveria a crise das teorias

psicológicas e de seus fundamentos metodológicos. Esta nova psicologia teria como objeto de estudo a "dramaticidade da vida humana" e um método de inspiração dialética onde a prática e a teoria estariam sintetizadas na noção de concreto.

Encontramos aqui uma mudança em relação a Crítica, pois o referencial filosófico do materialismo-histórico é apresentado como diretriz metodológica para a formulação da psicologia concreta. Politzer já ascena para seu engajamento no Partido Comunista Francês e posteriormente abandonará seu projeto. Isto evidencia-se pela crítica feita à psicologia clássica através de uma interpretação das condições econômicas do final do século XIX que exigiram uma psicologia científica. A história da psicologia é lida como produto supraestrutural do modo de produção.

O conhecimento fisiológico, adjetivado de científico, foi adotado como modelo inspirador para os pioneiros da psicologia. Através do método experimental, afirma Politzer, os psicólogos puderam estabelecer padrões de quantificação dos processos mentais pela mensuração do comportamento. Assim o conhecimento psicológico produzido servia aos interesses das classes dominantes, que viam no conhecimento produzido pelos psicólogos as estratégias necessárias para o ajustamento de comportamentos desviantes. O estudo sobre o comportamento humano tornou-se um grande investimento científico que atendia aos interesses do capital.

A verdade sobre o comportamento humano passou a ser enunciada pelos psicólogos. A institucionalização da prática psicológica estava relacionada ao manejo de determinada técnica

que possibilitava a padronização e normatização do comportamento. Segundo Politzer, os psicólogos são reconhecidos socialmente como os "pastores das teorias", pois somente eles detêm o conhecimento das técnicas. As críticas de fora, daqueles que não dominam as técnicas, não podem atingi-los, pois o discurso se estrutura em outro código. Com isso, os psicólogos rejeitam as críticas sobre os fundamentos de suas atividades.

Politzer refere-se constantemente à prática dos psicólogos para elaborar sua crítica à psicologia, isto porque não podemos fazer a crítica dos fundamentos da psicologia senão a partir daquilo que os psicólogos fizeram e continuam a fazer. Por isso, o autor identifica Wundt como um fisiólogo disfarçado de psicólogo, responsável pelo processo de institucionalização da psicologia como ciência através das justificativas metodológicas na definição do objeto de estudo:

"Wundt operou, com efeito, uma grande reforma: fez passar a psicologia do estado de personalidade espiritual para o estado de instituição, isto é, de potência material. Se os laboratórios e os institutos, concebidos à maneira de Wundt, só praticaram e continuam a praticar uma fisiologia disfarçada, têm em compensação permitido à psicologia mergulhar raízes na realidade econômica" (Politzer, 1977:61).

Politzer reconhece que há um excesso de crítica à psicologia e que em meio a esse bombardeio os psicólogos são obrigados a alinhar-se em trincheiras. Suas armas no combate são sempre as mesmas: os critérios de cientificidade que definem o conhecimento verdadeiro. Tais critérios escondem seus fundamentos e é neste aspecto que o autor concentrou esforços: revelar os fundamentos de cientificidade da psicologia para desarmar os

psicólogos. Este é para Politzer um trabalho filosófico; os psicólogos não podem furtar-se a uma reflexão filosófica: "Quanto aos filósofos, como disse Leibniz, têm todos razão naquilo que afirmam e deixam de a ter naquilo que negam, os psicólogos parecem estar todos fora da razão naquilo que afirmam e ter razão naquilo que negam" (1977:77).

As bases para a construção de uma psicologia concreta devem ser buscadas, para Politzer, na própria vida humana, pois não existem fatos psicológicos, tão somente fatos biológicos; mesmo assim, estes só existem no plano do conhecimento humano.

O dualismo corpo-alma é rompido por Politzer através da noção de drama: "A vida humana constitui um drama... é incontestável que é dentro do drama que nossa experiência cotidiana começa por nos colocar ...o lado dramático é aliás o único que nos interessa na vida cotidiana ..." (1977:101). Neste plano humano, que constitui o drama, emerge o problema da significação. Porque nossas experiências são dramáticas é que procuramos atribuir significação à nossa existência mundana. Esta é a vida, no sentido humano do termo, que os psicólogos negligenciaram ao entrar nas fileiras da cientificidade positiva do século XIX. Querendo ser cientistas, afirma Politzer, os psicólogos afastaram-se daquilo que deveria ser o sentido primeiro de suas existências. É a experiência dramática encenada pela literatura que a psicologia concreta deve ter como objeto de estudo. Os psicólogos clássicos, querendo manter a objetividade de suas pesquisas, afastaram-se de suas experiências

cotidianas, afastando-se, da única possibilidade de concretude para a psicologia.

Politzer estabelece uma correspondência entre a noção freudiana de complexo de Édipo e sua noção de drama e assim demarca a originalidade de Freud para a psicologia. Freud tomou como modelo interpretativo a tragédia de Édipo -o tirano de Tebas que matou seu pai e desposou sua mãe-, para justificar suas descobertas sobre a sexualidade infantil.

A situação trágica de Édipo serviu a Freud como modelo para interpretar o processo de subjetivação, onde cada ser humano deve defrontar-se com sua história, com seu passado. Politzer definiu como objeto próprio da psicologia o

"conjunto dos acontecimentos singulares que se desenrolam entre o nascimento e a morte. Mas esses acontecimentos são de dois gêneros: uns livres e outros estandardizados. Uns aparecem ao longo do desenrolar da vida individual e na sequência destas ou daquelas determinações, os outros devem ser atingidos pelo indivíduo e representam necessidades físicas, sociais ou econômicas. Uns implicam a vida do indivíduo tal como ele é, os outros implicam a inserção do indivíduo numa ordem e em exigências determinadas" (1977:130).

Estabelecendo a distinção entre a psicologia clássica, denominada por Politzer como pré-científica e mitológica, e a psicologia concreta, considerada a "ciência que tem por objeto o conjunto de fatos originais a que chamamos o drama" (1977:145). A existência de fatos psicológicos passa a ser compreendida como seguimentos do drama. Como tal, é à vida dramática que se devem voltar aqueles que pretendem estudar psicologia.

A psicologia concreta deveria ultrapassar a

oposição da psicologia subjetiva e da psicologia objetiva, apresentando-se como síntese, tendo o drama da vida humana como ponto de partida para sua construção teórica. No editorial do número 2 da Revue, publicada alguns meses depois, Politzer apresenta uma característica singular no seu discurso sobre a psicologia concreta: "Ela é a psicologia materialista, adotando assim a única atitude capaz de assegurar à psicologia um futuro científico... é ao materialismo dialético que teve origem em Marx e Engels ...é a partir dele que a psicologia será capaz de se tornar ciência" (1977:164). Podemos identificar assim, a passagem que o autor realiza para o materialismo dialético, consequência de sua filiação partidária, e o abandono de suas preocupações iniciais.

Se Politzer abandona seu projeto de estruturar uma psicologia concreta, por que motivo iremos nós recuperá-lo para demonstrar sua relevância para uma análise dos fundamentos epistemológicos da psicologia? Bem sabemos que se trata de dois Politzer: o bufão do cientificismo na psicologia e o militante revolucionário morto pelos nazistas. Sua atitude engajada nas lutas pela libertação francesa, revela-nos o bufão no castelo dos psicólogos cientistas.

"A originalidade e o interesse (tanto histórico como filosófico) do texto de Politzer residem justamente numa astuciosa manobra de 'apropriação ideológica', que consiste em roubar o melhor argumento da filosofia dominante para um projeto que lhe é essencialmente adverso" (Prado Jr., 1991:23). Adotando o materialismo dialético como referencial metodológico para sua psicologia concreta, Politzer afastou-se da psicanálise, e de seu

projeto. Mas a vivacidade de suas críticas à psicologia permanecem ativas para se aprofundar uma análise sobre os fundamentos da psicologia.

O texto de Politzer marcou uma geração de pensadores na França, como já indicamos, e foi responsável por abrir picadas na floresta por onde a psicanálise tornou-se objeto de reflexão para estes pensadores. Os cruzamentos do materialismo histórico com a psicanálise, tema frequente da reflexão filosófica neste século, teve em Politzer um precursor. Ele foi responsável por "abrir espaço, no campo da filosofia francesa, para a assimilação da obra revolucionária de Freud, definindo um novo horizonte temático, que seria sucessivamente revisitado, mesmo fora dos limites da França" (Prado Jr., 1991:27).

Na *Crítica aos fundamentos da psicologia*, Politzer resgata o tema da cientificidade como critério para avaliar os estatutos histórico-metodológicos das teorias psicológicas, colocando no centro de sua análise uma investigação sobre a construção do objeto de estudo sobre o qual determinada teoria se estrutura.

O projeto ascenado por Politzer de construir uma psicologia concreta, passa pela incorporação da noção de drama como o elemento estruturante de uma teoria psicológica que possa dar conta da concretude humana. A vida humana é uma vida dramática, dizia Politzer. A psicologia deve, no seu entender, voltar-se à dimensão humana que se caracteriza por sua dramaticidade. Incorporar esta dimensão na produção do conhecimento psicológico é uma exigência de rigor metodológico

que implica uma ruptura com as formas de estruturação teórica que marca a história da psicologia até os dias atuais.

Se há especificidade no objeto da psicologia, esta deve ser de um caráter original, que possa elaborar-se sobre a concretude da existência humana em sua manifestação e afirmação da vida. Politzer, afastou-se de seu projeto e engajou-se no processo de libertação da França do domínio nazista. Somente alguém apaixonado pela vida, pode perdê-la na luta pela liberdade de seu povo. O drama da existência humana é a marca da vida de Politzer. Sua concretude está na afirmação do grande absurdo desta existência mundana.

## VI - CONCLUSÃO

Dentre todos os seres vivos, o homem tornou-se através do trabalho, o único animal capaz de adaptar à natureza suas necessidades de sobrevivência. Os outros animais são obrigados a adaptarem-se às condições naturais sob pena de serem extintos. Todas as funções orgânicas devem criar condições de adaptação ao meio ambiente. Os humanos ao contrário, utilizaram seu corpo e sua capacidade racional para transformar as condições naturais criando possibilidades de sobrevivência num mundo sombrio e assustador.

"A atividade humana tem por objetivo sujeitar a natureza às necessidades do corpo. Daí a necessidade de que o mundo seja organizado em função de sua vontade. Esta é a razão porque os homens criam universos simbólicos, criam religiões e fazem a história, e os animais não" (Alves, 1984:12).

Para garantir sua sobrevivência, o ser falante teve de enfrentar três grandes desafios: o poder superior da natureza, que o ameaça com forças de destruição; a fragilidade de seu próprio corpo, que o arrasta à morte; e sua inadequação às leis que regulam os relacionamentos entre si.

No curso de sua existência temporal, o homem deve responder aos desafios que emergem de sua relação com o mundo. A natureza se apresenta ao homem como uma esfinge que

constantemente enuncia seus enigmas dizendo: Decifra-me ou devoro-te!. Decifrar os enigmas é uma tarefa heróica e a única condição para afirmar sua liberdade. A mitologia grega nos oferece a lendária figura do herói tebano que busca um saber que no final o leva à destruição. Edipo é aquele que sabe decifrar os enigmas mas incapaz de salvar-se. A contradição entre o saber do herói e sua destruição atravessou a história da cultura ocidental, tornando-se paradigma para pensarmos nossa frágil condição humana.

Terminava a década de 20, quando Sigmund Freud publicou o primeiro capítulo de *O mal-estar na civilização*. Segundo o editor da Coleção Standard, Freud teria escolhido como título: "A infelicidade na civilização"; e sugeriu à sua tradutora em francês o título: "O desconforto do homem na civilização". O conteúdo da obra possibilita uma variação conceitual sobre o mesmo tema: o homem vive deslocado no mundo. Não é mais parte da natureza, afastou-se de sua condição natural e criou um outro espaço denominado cultura, morada humana, lugar de sua humanização. Freud (1974b:16-17) caracterizou a cultura como sendo tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição natural. A vida humana difere da vida dos animais por dois aspectos: o conhecimento e as capacidades adquiridas com o fim de controlar as forças da natureza; e os regulamentos

-----

1. Freud caracteriza a cultura como o espaço de civilização. O homem só tornou-se civilizado pelo processo de aprendizagem cultural: "Detesto ter que distinguir entre cultura e civilização". Em nota o editor inglês afirma ter optado por traduzir o termo kultur por civilização como substantivo e cultural como adjetivo.

(leis) para ajustar relações entre si. Ambos aspectos são relacionados por Freud nos seguintes termos: a interação entre os homens são determinadas pela riqueza e cada homem pode tornar-se um objeto de valor para o outro, seja pelo trabalho ou pela escolha sexual. Decorre daí uma conclusão: todo indivíduo é virtualmente inimigo da cultura. Instaure-se portanto o conflito entre o indivíduo e as práticas civilizatórias:

"A civilização tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens, dirigem-se a essa tarefa... fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coersão" (Freud, 1974b:17).

Munido dos esquemas conceituais de sua metapsicologia, Freud percorreu a gênese do processo de humanização a partir de um problema eminentemente filosófico: o que os homens pedem da vida e o que desejam nela realizar? A resposta é categórica: felicidade. Os homens querem ser felizes e assim permanecer. O propósito da vida é obter prazer. Para explicar porque nos afastamos deste propósito, Freud nos desafia a pensarmos nosso tempo:

"Grande parte das lutas da humanidade centralizam-se em torno da tarefa única de encontrar uma acomodação conveniente (que nos torne felizes) entre essa reivindicação do indivíduo (liberdade) e as reivindicações culturais do grupo (leis), e um dos problemas que incide sobre o destino da humanidade é o de saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização (filosofia, ciência, arte e religião) ou se esse conflito é irreconciliável" (1974b:116).

A história é marcada pelas diferentes formas de

administração de tal conflito. Os sistemas filosóficos de todos os tempos, as conquistas tecnológicas, as teorias científicas, as diferentes práticas institucionais de religião e as manifestações artísticas são respostas que os homens construíram para garantir a socialidade.

As discussões acadêmicas sobre a crise da modernidade são inesgotáveis. Nas últimas décadas, estamos vivendo da crise. Diferentes autores das mais diversas áreas do saber dobram-se sobre os fenômenos da crise na família, na religião, na ciência, na arte, na educação, na economia, na política, etc. Diante de um mundo moderno (ou seria pós-moderno?, hipermoderno?, transmoderno?) que nos proporciona as mais fantásticas realizações humanas, vivemos uma sensação de vertigem, de um colapso que ameaça destruir a todos. Convivemos a opulência das conquistas tecnológicas com a indigência de milhões de seres destituídos de sua condição humana. O abismo entre o luxo e a miséria cresce assustadoramente. O conceito de pobreza já não é mais suficiente para designar o estado de milhões que vivem às margens das conquistas da modernidade.

Diante deste cenário, ousamos colocar em questão o tema da cientificidade da psicologia. Indagar sobre o que falam os psicólogos, qual seu objeto de estudo. Se insistem em afirmar-nos que são cientistas do homem, convém que perguntemos o que entendem por homem. De onde retiram a idéia de homem com a qual edificam seus discursos? Investigar os fundamentos da psicologia é colocar em questão aquilo mesmo que constitui o espaço epistêmico do discurso sobre o psiquismo. Qual é a natureza do psíquico?

Recorremos à Freud ainda uma vez mais. Após definir a psicanálise como uma psicologia profunda, por oposição a psicologia oficial, definida como efeito de superfície:

"Se alguém perguntar o que realmente significa 'o psíquico', será fácil responder pela enumeração de seus constituintes: nossas percepções, idéias, lembranças, sentimentos e atos volitivos - todos fazem parte do que é psíquico. Mas se o interrogador for mais longe e perguntar se não existe alguma qualidade comum, possuída por todos esses processos, que torne possível chegar mais perto da natureza, ou, como as pessoas às vezes dizem, da essência do psíquico, então será mais difícil fornecer uma resposta" (Freud, 1975:316).

Para Freud, tanto o filósofo quanto o homem da rua têm sua opinião sobre questões psicológicas e todos se comportam como psicólogos amadores ao concordarem que a qualidade essencial do psíquico é ser consciente. Tudo o que é consciente, dizem eles, é psíquico, e, inversamente, tudo o que é psíquico é consciente. Ora, é exatamente neste consenso de rebanho que a psicanálise estabeleceu uma revolução sem precedentes: "Ser consciente é apenas uma qualidade do que é psíquico e uma qualidade inconstante - uma qualidade que está com muita mais frequência ausente do que presente. O psíquico, seja qual for sua natureza, é em si mesmo inconsciente" (1975:317). Freud finaliza dizendo que o trabalho psicanalítico consiste em traduzir processos inconscientes, através da interpretação de seus sinais, em processos conscientes, e assim preencher as lacunas da percepção consciente.

O tema da cientificidade da psicologia, seus pressupostos epistemológicos, adquire com a psicanálise uma reviravolta significativa que ainda está longe da formação dos

psicólogos:

"O conceito de inconsciente por muito tempo esteve batendo aos portões da psicologia, pedindo para entrar. A filosofia e a literatura quase sempre o manipularam distraidamente, mas a ciência não lhe pode achar uso. A psicanálise apossou-se do conceito, levou-o a sério e forneceu-lhe um novo conteúdo" (Freud 1975:321).

Talvez seja necessário voltarmos para a literatura e lá descobriremos o homem forjado pela imaginação criadora dos artistas. A identidade moderna entre subjetividade e consciência é deslocada para a esfera do conflito que atravessa a consciência, impondo a existência de um outro que nos impulsiona a agir em conformidade com o desejo.

Gostaria de finalizar citando alguns exemplos do que Freud afirmou sobre o inconsciente na literatura poética:

"Como decifrar pictogramas de há dez mil anos se não sei decifrar minha escrita interior? Interrogo signos dúbios e suas variações calidoscópicas a cada segundo de observação. A verdade essencial é o outro que me habita e a cada amanhecer me dá um soco" (Drummond de Andrade, 1985:29).

"Existe um ser que mora dentro de mim como se fosse casa dele e é. Trata-se de um cavalo preto e lustroso que apesar de inteiramente selvagem tem por isso mesmo uma doçura primeira de quem não tem medo: come as vezes na minha mão...Aviso que ele não têm nome: basta chamá-lo e se acerta com o nome. Aviso também que não se deve temer o ser relinchar: a gente se engana e pensa que é a gente mesma que está de prazer ou de cólera" (Lispector, 1990:36).

"Vivemos todos anônimos e longínquos; disfarçados sofremos desconhecidos. A uns, porém, esta distância entre um ser e ele mesmo nunca se revela; para outros é de vez em quando iluminada, de horror ou de mágoa, por um relâmpago sem limites; mas para outros ainda é essa a dolorosa constância e quotidianidade da vida" (Pessoa, 1989:172).

Somos exilados em nossas próprias sensações, estrangeiros em nosso próprio sentimento. A consciência é atravessada pelo desejo que rompe a realidade dos fatos e instaura a subjetividade. Neste processo de subjetivação, somos instigados a procurar nas entranhas de nossos corpos, as marcas indissolúveis da cultura. Somos marcados pela linguagem e nela nos constituímos como seres humanos. As relações entre os indivíduos passa pelo processo de subjetivação no qual cada um representa ao outro, simbolicamente, seu eu.

Aqui se põe o tema da dramaticidade da existência humana. Cremos que Foucault tinha razão ao afirmar que a psicologia só se salvará através de um retorno aos infernos. É necessário que os psicólogos procurem os fundamentos de suas teorias para avaliarem se os valores com os quais pautam suas vidas estão coerentes com as teorias que sustentam em nome da cientificidade de seus discursos e práticas terapêuticas. Ouvir os gritos que emergem da floresta da vida, sair do castelo e ir em direção ao demasiado humano é um desafio para aqueles que pretendem enunciar discursos sobre o homem em sua existência temporal.

## B I B L I O G R A F I A

- ALVES, R., O suspiro dos oprimidos, São Paulo, Paulinas, 1984.
- \_\_\_\_\_, Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras, São Paulo, Brasiliense, 6a ed., 1985.
- ANDRADE, C. Drummond, Corpo, Rio de Janeiro, Record, 5a ed., 1985.
- BACHELARD, G., A epistemologia, Rio de Janeiro, Zahar, 2a ed., 1983.
- \_\_\_\_\_, O direito de Sonhar, São Paulo, Difel, 2a ed., 1986.
- BACHRACH, A.J., Introdução à pesquisa psicológica, São Paulo, EPU, 1975.
- BLANCHE, R., A Epistemologia, Lisboa, Editorial Presença, 1976.
- BOMBASSARO, L.C., As fronteiras da epistemologia: como se produz o conhecimento, Petrópolis, Vozes, 1992.
- BORRON, J.C.G., A filosofia e as ciências: métodos e processos, Lisboa, Editorial Teorema, 1988.
- CANGUILHEM, G., "Qu'est-ce que la psychologie?", Cahiers pour l'analyse 2., Paris, Seuil, 1966, pp.77-91.
- \_\_\_\_\_, O normal e o patológico, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 3a ed., 1990.
- \_\_\_\_\_, Ideologia e racionalidade nas ciências da vida, Lisboa, Edições 70, 1977.
- CARVALHO, A.D., epistemologia das ciências da educação, Coleção Biblioteca das Ciências do Homem, Porto, Afrontamento, 1988.
- CHAUÍ, M., "A destruição da subjetividade na filosofia contemporânea", mimeo, 1983.
- \_\_\_\_\_, Repressão sexual: essa nosa (des)conhecida, São Paulo, Brasiliense, 3a ed., 1984.
- COMTE, A. Curso de Filosofia Positiva, São Paulo, Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1988.
- CUPANI, A. "A Hermenêutica ante o Positivismo", in: Manuscrito, vol.IX, UNICAMP, Abril/1986.

- DELEUZE, G., Foucault, São Paulo, Brasiliense, 2ª ed., 1991.
- DOMINGUES, I., O grau zero do conhecimento, São Paulo, Loyola, 1994.
- ERIBON, D. Michel Foucault: uma biografia, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- ESCOBAR, C.H., As ciências e a filosofia, Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- FIGUEIREDO, L.C.M., Matrizes do pensamento psicológico, Petrópolis, Vozes, 1991.
- FLORENCE, J., "Propos sur les fondements de la psychologie", *Revue Philosophique de Louvain*, 1970, pp.483-506.
- FOUCAULT, M. O homem e o discurso, Comunicação 3, Rio Janeiro, Tempo Brasileiro, 1971.
- \_\_\_\_\_, Doença mental e psicologia, 2ª ed., Rio Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- \_\_\_\_\_, As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas, São Paulo, Martins Fontes, 4ª ed., 1987a.
- \_\_\_\_\_, Nietzsche. Freud & Marx, São Paulo, Princípio, 4ª ed., 1987b.
- \_\_\_\_\_, O que é um autor?, Lisboa, Passagens, 1992.
- FREUD, S., O interesse científico da psicanálise (1913), Rio de Janeiro, Imago, Coleção Standar Brasileira, vol.XIII 1974a.
- \_\_\_\_\_, O futuro de uma ilusão(1927), Idem, vol.XIV, 1974b.
- \_\_\_\_\_, O mal-estar na civilização(1930), Idem, Ibidem.
- \_\_\_\_\_, Algumas lições elementares de psicanálise (1938), Idem, vol. XXIII, 1975.
- GABBI JR., O., "O que é Psicologia? Leis, Regras e a Psicologização do Cotidiano", *Revista Ciência e Cultura* 38 (3) março/1986, pp.489-508.
- GAMBOA, S.A.S., "Elementos para uma leitura do real", in: Epistemologia da pesquisa em educação, Tese de doutorado, FE-UNICAMP, 1987.
- GAY, P., Freud = uma vida para o nosso tempo, São Paulo, Companhia das Letras, 2ª ed., 1989.

- GIORGI, A., A Psicologia como ciência humana: uma abordagem de base fenomenológica, Belo Horizonte, Interlivros, 1978.
- \_\_\_\_\_, Phenomenology and psychological research, Duquesne University Press, Pittsburgh, 1985.
- HEBERMAS, J., Conhecimento e Interesse, Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- HENNEMAN, R.H., O que é psicologia, Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio, 12ª ed., 1983.
- JAPIASSU, H., Questões epistemológicas, Rio de Janeiro, Imago, 1981.
- \_\_\_\_\_, Nascimento e morte das ciências humanas, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 2ª ed., 1982a.
- \_\_\_\_\_, Introdução à epistemologia da psicologia, Rio de Janeiro, Imago, 3ª ed., 1982b.
- \_\_\_\_\_, "Fundamentos Epistemológicos do Cientificismo", in: O mito da neutralidade científica, Rio de Janeiro, Imago, 1982.
- \_\_\_\_\_, A psicologia dos psicólogo, Rio de Janeiro, Imago, 2ª ed., 1983.
- \_\_\_\_\_, A revolução científica moderna, Rio de Janeiro, Imago, 1985.
- \_\_\_\_\_, Introdução ao pensamento epistemológico, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- JOLIVET, R., Tratado de filosofia II - Psicologia, Rio de Janeiro, Agir, 2ª ed., 1964.
- KANT, I., Crítica da razão pura, São Paulo, Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987.
- KELLER, F.S., A definição da psicologia, São Paulo, EPU, 1974.
- KERLINGER, F.N., Metodologia da pesquisa em ciências sociais, São Paulo, EPU, 1980.
- KREMER-MARIETTI, A., Introdução ao pensamento de Michel Foucault, Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- KUHN, T., A estrutura das revoluções científicas, São Paulo, Perspectiva, Coleção Debates 115, 2ª ed., 1987.
- LADRIERE, J., Filosofia e práxis científica, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- LAJONQUIERE, L., De Piaget a Freud: a (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber, Petrópolis, Vozes, 1993.

- LAPLANCHE, S. e LECLAIRE, S. "O inconsciente: um estudo psicanalítico", in: Colóquio sobre o Inconsciente = Bonneral Fraça 1960, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
- LECOURT, D., Para uma crítica da epistemologia, Lisboa, Assírio & Alvim, 1972.
- LISPECTOR, C., Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 17a ed., 1990.
- LOWY, M., As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen, São Paulo, Busca Vida, 3a ed., 1987.
- LYOTARD, J.F., A fenomenologia, São Paulo, Difel, 1967.
- MACHADO, R., Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault, Rio de Janeiro, Graal, 2a ed., 1988.
- \_\_\_\_\_, "Por uma genealogia do poder", in: FOUCAULT, M., Microfísica do poder, Rio de Janeiro, Graal, 5a ed., 1985.
- MARTINS, J. e BICUDO, M.A.V., A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos, São Paulo, Moraes, 1989.
- MERLEAU-PONTY, M., Ciências Humanas e Fenomenologia, São Paulo, Saraiva, 1973.
- MEZAN, R., Freud, pensador da cultura, São Paulo, Brasiliense, 1985.
- MONTEPELLIER, G., "La psychologie, science du comportement?", Revue Philosophique de Louvain, 1970, pp.174-192.
- MONZANI, L.R., "Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectiva", in: PRADO JR., Filosofia da Psicanálise, São Paulo, Brasiliense, 1991.
- MORAIS, J.F.R., Filosofia da ciência e da tecnologia: introdução metodológica e crítica, Campinas, Papirus, 5a ed., 1988.
- MUCHAIL, S.T., "Notas sobre as relações entre a filosofia e as ciências humanas", in: Epistemologia das ciências sociais, Cadernos PUC-SP, no. 19, 1985, pp.137-145.
- NIETZSCHE, F., A gaia ciência, São Paulo, Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, 1987.
- PESSOA, F., O livro do desassossego por Bernardo Soares, São Paulo, Brasiliense, 3a ed., 1989.

PIAGET, J., A situação das ciências do homem no sistema das ciências, Lisboa, Livraria Bertrand, vol.I, 1971.

\_\_\_\_\_, Introducción a la epistemologia genética, vol.3, Buenos Aires, Paidós, 1975.

\_\_\_\_\_, Psicologia e Epistemologia: por uma teoria do conhecimento, Rio de Janeiro, Forence Universitária, 2ª ed.,1978.

POLITZER,G., Crítica aos fundamentos da psicologia, Lisboa, Editorial Presença, 2 vols. 1973.

\_\_\_\_\_, Os fundamentos da psicologia, Lisboa, Editorial Prelo, 1977.

PRADO JR., B. (org.) Filosofia da Psicanálise, São Paulo, Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_, (org.) Filosofia e comportamento, São Paulo, Brasiliense, 1982.

REZENDE, A.M., Educação e ser no mundo: projeto de uma fenomenologia da educação, Tese de livre docência em filosofia da educação, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1978.

ROUANET, S.P., A razão cativa: as ilusões da consciência de Platão a Freud, São Paulo, Brasiliense, 1985.

SIMÕES, M.B. "Acerca dos Fundamentos Epistemológicos da Psicologia", in: Novas perspectivas das ciências do homem, Lisboa, Editorial Presença, s/d.

SZILASI, W., Introducción a la fenomenologia de Husserl, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1975.